

Humberto

até 25/10

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE SERVICIO DO TEX-
TO. A QUALQUER REPRODUÇÃO EM ESTE
SUJEITO, SEM NOVA AUTORIZAÇÃO



REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Peça: "Mulheres Resistindo...
sob o signo de Brecht"

Roteiro de Arines Ibias
sobre textos de Bertoldt Brecht

2 Atos.

109-29
19

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



BALADA DE HANNA CASH

Casaco de algodão, xale amarelo,
olhos de negro mar,
sem dinheiro ou talento, mas com fartos
cabelos pretos que ela usava soltos
descendo-lhe até aos pés ainda mais pretos:

Criança minha, assim era Hanna Cash
- a que virava a cabeça dos gentlemen,
a que com o vento vinha e ia com o vento
que sopra nas estepes.

Que sapatos não tinha, nem camisa,
nem sabia nenhum canto coral;
e era qual uma gata a flutuar na cidade
- gatinha cor de cinza, opressa entre madeiras,
entre corpos boiando nos escuros canais.

Ela esfregava os copos de absinto,
jamais limpa ela mesma;
e entretanto Hanna Cash, criança minha,
ela também deve ter sido pura.

Certa noite ela foi ao bar dos marinheiros,
com os olhos de negro mar,
e lá encontrou J. Kent, cabelos de toupeira
- o João-das-Facas, do bar dos marinheiros -
que carregou com ela.

E quando o bronco Kent a sua sarna
coçou, piscando os olhos,
criança minha, esse olhar Hanna Cash
sentiu da cabeça aos pés.

"Conheceraam-se" entre as carnes e os peixes
e foram "enfrentar a vida juntos".
Não tinham cama nem mesa nenhuma,
como tampouco tinham carne ou peixe,
nem nome a dar aos filhos.

Mas, silve a neve ou a chuva desabe,
fique encharcada a estepe,
criança minha, Hanna Cash não sai
de junto de seu homem.



Diz o xerife que ele é um vagabundo
 e diz a leiteira que ele anda torto.
 Ela, porém, responde: - "Que tem isso?
 Ele é o meu homem!" - Tinha liberdade
 e ficava com ele. Só por isso.

Quando ele manca e quando se embebedava
 e bate nela,
 criança minha, Hanna Cash só faz
 uma pergunta: se ela gosta dele

Não havia telhado no lugar do berço;
 e os golpes desabavam sobre os pais
 - que iam passando juntos ano a ano,
 da cidade asfaltada para o mato
 e do mato fechado para a estepe.

Assim como se vai à neve e ao vento,
 até não se agüentar mais,
 criança minha, assim ia Hanna Cash
 sempre com o homem dela.

Nenhum vestido era mais pobre do que o dela
 e para ela não existia domingo
 - nenhum passeio a três pela confeitaria
 e nem gaita de boca.

E os dias todos eram como o de hoje:
 luz de sol não havia.
 Porém fazia sol, criança minha,
 na expressão de Hanna Cash.

Ele roubava os peixes e ela o sal,
 e assim era: "Difícil esta vida".
 Quando ela cozinhava os peixes, ouçam,
 os filhos de joelhos repetiam
 o catecismo.

À noite e ao tempo, por cinquenta anos
 dormiam todos numa cama só.
 Criança minha, assim era Hanna Cash:
 possa Deus dar-lhe um dia a recompensa!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



E QUE GANHOU A MULHER DO SOLDADO?

E que ganhou a mulher do soldado,
dessa vetusta capital que é Praga?
De Praga ela ganhou sapatos altos:
um cumprimento com os sapatos altos
que recebeu da cidade de Praga.

E que ganhou a mulher do soldado
de Varsóvia, banhada pelo Vístula?
De Varsóvia, veio a blusa de linho:
exótica e colorida, uma blusa polaca
foi que lhe veio das margens do Vístula.

E que ganhou a mulher do soldado
de Oslo, no Mar do Norte?
De Oslo ganhou ela uma echarpe de peles;
tomara que lhe agrade essa echarpe de peles
vinda de Oslo, no Mar do Norte.

E que ganhou a mulher do soldado
da opulenta Roterdan?
De Roterdan ganhou ela o chapéu;
tão bem lhe fica o chapéu holandês
que veio de Roterdan!

E que ganhou a mulher do soldado
de Bruxelas, metrópole dos belgas?
De Bruxelas chegaram rendas raras:
ah, poder tê-las, rendas assim raras!
Ela ganhou-as da terra dos belgas.

E que ganhou a mulher do soldado
de Paris, a grande Cidade-Luz?
Recebeu de Paris o vestido de seda:
como as vizinhas invejam esse vestido de seda
que ela ganhou de Paris!

E que ganhou a mulher do soldado
de Trípoli, na Líbia?
De Trípoli ganhou ela um cordão de cobre:
breve amuleto num cordão de cobre,
que ela ganhou de Trípoli, na Líbia.

E que ganhou a mulher do soldado
do vasto país dos russos?
Da Rússia ganhou ela o manto de viúva:
para o velório, o manto de viúva
que ela recebeu dos russos.



BALADA DA PROSTITUTA JUDIA MARIE SANDERS

Baixaram em Nuremberg uma lei
pela qual teve de chorar muita mulher
que se deitava com o homem errado.

Nos arrabaldes a carne palpita,
Batem com força os tambores.
Se eles premeditassem algum mal,
meu Deus, seria para esta noite!

Marie Sanders, o teu namorado tem cabelos pretos demais;
Melhor é não ires com ele hoje,
como ainda ontem foste.

Nos arrabaldes a carne palpita.
Batem com força os tambores.
Se eles premeditassem algum mal,
meu Deus, seria para esta noite!

Me empreste a chave, mamãe,
que não vai tudo tão mal assim:
a Lua está brilhando como sempre.

Nos arrabaldes a carne palpita.
Batem com força os tambores.
Se eles premeditassem algum mal,
mau Deus, seria para esta noite!

Um belo dia, às nove horas da manhã,
lá veio ela atravessando a cidade,
em camisola, um cartaz preso no pescoço, a cabeça raspada.
A rua aos berros, e ela
olhando friamente.

Nos arrabaldes a carne palpita.
Fala esta noite o pintor-de-paredes.
Deus do céu, se eles tivessem ouvido
saberiam o que se faz com eles!



CANÇÃO DA RAPARIGA

Aos dezessete anos, meus senhores,
vim eu para o mercado do amor
onde muito já tenho provado.

Muita gente ruim,
que o negócio é assim;
a alguns eu tenho mesmo interpelado.
(Ora, também eu sou um ser humano!)

Deus é bom, tudo passa depressa,
mesmo o amor e seus tristes cuidados:
onde as lágrimas de ontem à noite?
onde a neve do ano passado?

Com os anos certamente a gente vai
mais ligeira ao mercado do amor
e ali abraça aos que chegam em bandos;
mas é uma sensação
de frio surpreendente,
se não se poupa a gente.
(Ora, toda reserva tem um fim!)

Deus é bom, tudo passa depressa,
mesmo o amor e seus tristes cuidados:
onde as lágrimas de ontem à noite?
onde a neve do ano passado?

E mesmo quando em negócios do amor
no mercado se aprende um bocado,
dar prazer por dinheiro trocado
nunca será tão fácil.
Enfim, um jeito dá-se...
(E vai-se entrementes envelhecendo.)

Deus é bom, tudo passa depressa,
mesmo o amor e seus tristes cuidados:
onde as lágrimas de ontem à noite?
onde a neve do ano passado?



(Paduk entra na barraca e volta, logo depois, seguido pelo Ajudante, que traz uns frascos de amostras em álcool e os de põe sobre a mesa. Os moços da Associação continuam onde estão. E a rua inteira começa a animar-se com as primeiras frases de Paduk em voz alta. Dos prostíbulo acorrem meretrizes, isoladas ou em grupos de duas e três, em trajes de passeio escuros; deslizam rente à cerca, e algumas delas caminham indolentemente pela rua, rindo à socapa. Depois ficam todas em silêncio, espiando por cima da cerca.

PADUK - Meus jovens e queridos amigos! Vocês acabaram de ver as consequências do vício, as terríveis moléstias causadas pela prostituição. Não é por acaso que a nossa instituição, posta a serviço da integridade moral, ergue-se justamente neste lugar: é um protesto veemente que se ergue! (Avista as meretrizes atrás da cerca, e sobe imediatamente na mesa, em punhando dois frascos de amostras.) Meus jovens e prezados amigos, não é um protesto contra as infelizes ocupantes dessas casas, mas contra as próprias casas, contra o espírito dessas casas! Eu não acuso as pobres moças que dentro dessas casas são forçadas, como escravas, a venderem seus corpos, criados por Deus, sem ao menos ficarem com o dinheiro! (Dirigindo-se cada vez mais as meretrizes:) Só um desalmado poderia culpá-las. Elas são vítimas: têm um destino mais terrível que os dos cavalos que puxam carroças, mais terrível que os dos condenados às galés, mais terrível que os dos doentes desenganados. Elas são forçadas a verem degradar-se as próprias almas imortais, e a apodrecerem os próprios corpos, satisfazendo aos apetites de todo e qualquer tratante imundo, todo e qualquer sujeito depravado. E, para saciarem a bestial volúpia dos homens, deixam-se contagiar com doenças incuráveis! (Levanta o frasco da mão esquerda.) Esta boca que estão vendo aqui, com a abóbada palatina roída de úlceras, cantou em corais de igrejas, como cantam agora as vossas! Esta cabeça, coberta de pústulas, também foi acariciada por meigas mãos de mães, como as vossas! Sobre este peito agora purulento (inclina-se para um modelo em cera) já esteve pendurado um crucifixo, como sobre os vossos! E estes olhos (inclina-se para outro modelo em cera) já foram comidos, já alegraram, como os vossos, um coração de pai, ao se abrirem pela primeira vez! Não vos esqueçais disto! Não vos esqueçais, em nenhum momento em que a tentação aproximar-se



mar-se de vós e o demônio tentar vos seduzir!

(Paduk volta para a mesa meneando a cabeça: puxa a caixa di-
ante de si e conta o dinheiro. A Senhora Hogge, saindo de u-
ma porta à direita, atravessa a rua, com cuidado, cruza a
cancela na ponta dos pés e fala de repente atrás de Paduk.)

SENHORA HOGGE - Como é? Não chega, senhor Paduk?

PADUK - (Zangado, com o susto que levou) - Que vem a ser isto? Dê
o fora daqui!

SENHORA HOGGE - Vamos com calma, senhor Paduk! Os primeiros clien-
tes já estão começando a voltar...

PADUK - Mas ainda não estou ouvindo a música.

SENHORA HOGGE - Não é para qualquer um que se toca música. Por en-
quanto, é só o pessoal de cinco marcos. Mas vai melhorar!

PADUK - A senhora é quem deve saber.

SENHORA HOGGE - Escute, senhor Paduk: não poderia arranjar uma ca-
deira para eu me sentar?

PADUK - Não quer mais nada?

SENHORA HOGGE - Não: é só isso. E não peço de graça!

PADUK - (Fechando a caixa) Depois de todas as ofensas que me fez,
ainda não há dez minutos...

SENHORA HOGGE - De lá para cá, já se passaram algumas coisas: al-
gumas, eu disse!

PADUK - Não vi coisa nenhuma.

SENHORA HOGGE - Para começar, os primeiros clientes já estão de
volta. Para continuar, o senhor pronunciou um discurso...

PADUK - Sim, no meu interesse. A senhora viu bem.

SENHORA HOGGE - Quem não viu muito bem foi o senhor: o seu discurs-
so foi uma besteira!

PADUK - Ah, uma besteira?

SENHORA HOGGE - Do nosso ponto de vista, foi. Para aquele padre,
não; mas para o senhor e para mim, foi.

PADUK - Ora, essa é muito boa: acho até graça! (Vai buscar uma ca-
deira.) Aqui está uma cadeira. Agora, explique-se melhor!

SENHORA HOGGE - Muito obrigada. Eu vou mesmo explicar. (Senta-se)
E que eu sempre soube ser agradecida. Queria também pedir
desculpas pelo mal-entendido de ainda há pouco.

PADUK - E o meu discurso?

SENHORA HOGGE - Bem, se eu entendi certo, em seu discurso
o senhor dizia que as meninas eram exploradas vergonhosamente
em minha casa. O senhor disse isso com muitas palavras boni-
tas, mas com muito pouca verdade. E quando mostrei, com tão-
to efeito, as bocas cheias de pústulas, em lugar dos corações



que um dia luziram nelas, podia muito bem ter falado em ca-
 chaça e outras bebidas, embora com menor impacto. E as cabe-
 ças a que se referiu, na maioria dos casos, não costumam ser
 acariciadas por mãos de mães, que sempre comovem, mas pelos
 punhos, menos conhecidos, dos rufiões... Mas não é disso
 que eu quero falar: o senhor sabe muito bem de tudo isso ,
 porque estudou bastante tempo em minha casa. E é claro que
 a empresa precisa dar lucro: em tempos normais, a minha re-
 ceita vai muito além da sua!

PADUK - A senhora se expressa muito bem. É realmente um prazer ou-
 vi-la. Mas por que o meu discurso foi uma besteira? Foi pa-
 ra me explicar isso que eu lhe trouxe a cadeira.

SENHORA HOGGE - Não há razão nenhuma para o senhor se alegrar, e
 por isso mesmo é que prefiro prepará-lo aos poucos. Antes
 de mais nada, quanto a rentabilidade e as perspectivas futu-
 ras da sua instituição: o senhor ganha bem, atualmente, por-
 que ninguém ainda viu as suas curiosidades científicas se-
 ão por preços caríssimos ou no próprio corpo... Mas, como
 ninguém entra duas vezes na sua barraca - e quanto a isso
 pode pôr a mão no fogo - mais dia, menos dia, o seu negócio
 vai fechar. Aí então, duas semanas depois da sua falência ,
 eu posso reabrir o meu negócio. Minha clientela chega a u-
 mas seis mil almas. Graças a uma contrapropaganda de escla-
 recimento, que mandamos organizar imediatamente, grande par-
 te da nossa freguesia absteve-se de visitar a sua institui-
 ção, que provoca náuseas e apela de modo vulgar para os mais
 reles sentimentos das massas, a covardia e a hipocrisia. A
 outra parte dos nossos fregueses, que tem queda para essas
 coisas e ninguém pode impedir que o senhor lhes envenene o
 mais sublime prazer da vida, que é o ato amoroso, o conju-
 gal inclusive, talvez passe a evitar o nosso estabelecimen-
 to, pelo menos umas duas semanas depois de visitar o seu. A
 queda que o senhor provoca em nossa receita não é das meno-
 res, mas só por uma vez. E a nossa instituição continuará a
 ser frequentada para todo o sempre!

PADUK - (Pausa. Paduk, sentado à mesa, diante da senhora Hogge ,
 tem a testa gotejante de suor.) Isso não tem nada a ver com
 o meu discurso!

SENHORA HOGGE - Tem sim, senhor! Pelo que sei, o seu negócio con-
 siste em explorar, de certo modo, o contágio das doenças ve-
 néreas, que se realiza através da prostituição. Mas isso
 prejudicará a prostituição apenas enquanto o senhor conti-



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

nuar a expor o conhecimento desses perigos. E a linha-mestra do seu discurso era o propósito de acabar com o foco do contágio, ou seja, a prostituição: o que o senhor pretendia destruir, portanto, era a base do seu próprio negócio, que se assenta nela como uma casa sobre uma rocha. Em resumo: se o senhor tem a intenção de esclarecer os homens sobre os perigos do contágio venéreo, eu não tenho nada com isso, e não vejo nenhuma consequência prática disso. Mas se o senhor, com esse mesmo propósito, quer também esclarecer as minhas meninas, aí vai ser a ruína da prostituição e do foco de contágio, mas também do seu próprio negócio. (Triunfante, mas apreensiva:) E foi o que o senhor fez hoje, quando conseguiu que as meninas corressem a ter comigo, chorando de novo. Agora, me diga: esse discurso foi ou não foi uma besteira? (Silêncio. Paduk respira forte, a senhora Hogge enxuga a testa com um lenço.)

PADUK - (com o maior sangue frio possível) - Sim. Tem razão. E daí? (Pausa) A senhora fala como um livro!

SENHORA HOGGE - Eu cursei a universidade.

PADUK - Bem, eu reconheço que me exaltei, assim como a senhora também se exaltou antes. E agora?

SENHORA HOGGE - (respirando aliviada) - Ora, graças! Assim é que se fala! Agora, os meus agradecimentos pela cadeira. E vou lhe dar um conselho: feche esta joça e aplique o seu dinheiro, ganho com ela, em nossa instituição!

PADUK - (levantando-se) - Que quer dizer com isso?

SENHORA HOGGE - Exatamente o que eu disse.

PADUK - E a minha reputação? E a Municipalidade, que me cedeu o terreno? E a minha biografia no jornal?

SENHORA HOGGE - Pequenos contratemplos, sem maior importância. O sucesso vem depois!

PADUK - Não posso: é a minha reputação! Tudo isso que a senhora disse, eu já tinha mais ou menos imaginado. Mas não há jeito...

SENHORA HOGGE - Que história é essa de "sua" reputação? Se o senhor continua a prejudicar meu negócio, e o seu também indiretamente, eu sou forçada a me defender o melhor que puder: tornando públicos os seus verdadeiros motivos, por exemplo! Depois, o senhor, com a "sua" reputação, é capaz de acabar Ministro das Finanças!

PADUK - Nada mau. E a minha inspiração maravilhosa? E depois, de que maneira como a senhora mandou que me tratassem naquele dia...

SENHORA HOGGE - Ora, a Carmem só pode tratá-lo daquele jeito por-



que o senhor não passava de um João-ninguém sem dinheiro... Agora o senhor entra como acionista em nosso negócio, e pode fazer com ela o que bem entender! Já viu as fotografias mais novas?

PADUK - Não, eu perdi todo o contato.

SENHORA HOGGE - (tirando do seio umas fotos e exibindo-as) - Veja só! Esta é a Carmem, de costas e de lado. Esta, bem provocante, é a Ludmila, de frente: que olhos, que seios, que lábios, que cabecinha linda!

PADUK - (repentinamente) - Pois está bem. Vou visitar o seu estabelecimento. (Põe a caixa em baixo do braço.) De qualquer forma, aqui agora não vem mais ninguém. E, em todo caso, o Lind ainda está aí. Ah, é verdade: Lind, fique mais um quarto de hora, que eu preciso ir ver um negócio!

AJUDANTE (dentro da barraca) - Nem mais um minuto!

PADUK - (consigo mesmo) - Aqui as coisas vão de mal a pior...

(Paduk acompanha a senhora Hogge, pela direita, e ambos desaparecem numa porta vermelha. Logo depois ouve-se música de piano, dentro do prostíbulo. Ouvem-se gritos de uma das meninas da senhora Hogge. Sons de dança. Escurece. Silêncio)



JENNY DOS PIRATAS

Vêm-me hoje lavando louça, meus senhores,
fazendo a cama para todo mundo;
e se um tostão me dão eu depressa agradeço;
e olham meus trapos e este hotel esmolambado
e não sabem com quem estão falando.

Mas uma noite haverá grita pelo porto
e indagarão: Que gritaria é essa?
E me hão de ver a rir com a louçaria
e hão de dizer: De que estará ela rindo?

E um navio de oito velas
com seus cinquenta canhões
virá no cais atracar.

Dirão: Vá, lave esses pratos, menina!
E me oferecerão outros tostões,
e aceito será o tostão e a cama será arrumada.
(Nela ninguém há de dormir mais nessa noite.)
E enfim ainda nem sabem quem sou eu.

Mas uma noite haverá um estrondo no porto,
e indagarão: Que estrondo será esse?
E me verão atrás da janela, em pé,
e hão de dizer: De que está rindo, a malvada?

E um navio de oito velas
com seus cinquenta canhões
bombardeará a cidade.

Terminarão aí, senhores meus, todo o riso que têm,
pois os muros serão postos por terra
e a cidade estará ao nível do chão.
Apenas um hotel esmolambado será poupado por todos os golpes.
E indagarão: Por que o hotel é poupado?
E me verão caminhar da porta para a manhã
e hão de dizer: Aquela é a que morava ali!

E o navio de oito velas
com seus cinq"uenta canhões
há de embandeirar seus mastros.



E centenas não de vir para o meio-dia em terra
e andarão pelas sombras
a apanharão cada um em cada porta,
pondo-os a ferros e trazendo-os para mim,
e indagarão: A quem devemos matar?
E o porto há de estar calmo, nesse meio-dia,
ao me indagarem: Quem, mesmo, deve morrer?
E nessa hora me escutareis dizer: Todos!
E o navio de oito velas
com seus cinquenta canhões
irá sumindo comigo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



A MOÇA AFOGADA

Quando ela se afogou e a boiar foi descendo
dos córregos para os rios mais caudalosos,
brilhava o céu de opala tão maravilhoso
qual se devesse recompensar o cadáver.

Sargaços e algas iam-na enleando,
de modo que ela aos poucos ficava com mais peso.
Frios os peixes nadavam-lhe pelas pernas,
plantas e bichos faziam-lhe ainda mais lenta a última viagem.

E o céu da tarde era escuro feito fumaça
retendo à noite o brilho das estrelas sobre o horizonte.
Mas cedo alvoreceu, a fim de que também
manhã e tarde houvesse para ela.

Quando seu corpo branco apodreceu nas águas,
aconteceu (bem devagar) que Deus foi-a esquecendo:
primeiro o rosto, as mãos depois, e por fim os cabelos.
Então ela passou a ser no rio uma carniça igual a tantas outras.



AS NOIVAS MATINAIS DO SR. PUNTILA

(Alvorecer na vila. Casinhas de madeira. Numa esta escrita CORREIO. Noutra, VETERINÁRIO. Noutra, SEMENTES E ERVAS. No meio da praça, um poste telegráfico. PUNTILA bate com o Studebaker no poste e o ofende violentamente:)

PUNTILA - Via livre! Esta não é a auto-estrada de Tavasto!? Sai da frente, porcaria de poste - que ousadia, interromper dessa maneira o caminho de Puntila! Quem é você? Você tem um bosque? Tem noventa vacas? E então, como se permite então? Para trás! Se der mais um passo vai se arrepender amargamente: chamo a polícia e mando te prender como subversivo. (Desce do carro.) - Ah, insiste em não sair, hein? (Vai até uma das casas e bate à janela. EMA, a contrabandista, espreita medrosamente.) - Bom dia, linda senhora, passou bem a noite? Preciso que me faça um pequeno favor. Eu sou o grande proprietário Puntila de Lammi, e me encontro numa situação verdadeiramente dolorosa: minhas vacas estão com escarlatina. Por isso tenho necessidade absoluta de comprar álcool legítimo. Poderia a bela jovem me dizer onde mora o veterinário? Eu derrubo a ponta-pé a merda desse barracão se você não me disser logo onde ele mora, tá ouvindo?

EMA - Meu Deus! O senhor está muito exaltado! A casa do veterinário é aquela ali. Mas se não o entendi mal, o senhor está precisando de álcool. E álcool eu tenho, álcool bom, álcool forte. Eu mesma faço.

PUNTILA - Sai da minha frente, perdida! Você tem a audácia de me oferecer seu álcool ilegal? Você não sabe que eu só bebo álcool permitido pela lei? Que o outro nem me passa pela garganta? Antes a morte do que desrespeitar as leis de meu país. Sou um escravo da lei. Quando preciso mandar espancar alguém ou o faço de acordo com o código penal ou não o faço.

EMA - Meu caro senhor, quer saber de uma coisa? Vá para o diabo que o carregue com suas leis! (Desaparece. PUNTILA corre à casa do VETERINÁRIO e toca. O VETERINÁRIO surge.)

PUNTILA - Veterinário, veterinário, afinal te peguei. Eu sou o grande proprietário Puntila de Lammi, tenho noventa vacas e todas as noventa estão com febre aftosa. Tenho pois necessidade urgente de álcool autorizado.

VETERINÁRIO - Penso que o amigo errou de endereço. Acho melhor voltar para onde veio, com a graça de Deus.

PUNTILA - Veterinário, você me decepçiona. Acho até que você não é veterinário de verdade. Senão saberia o que todos os dias a



Puntila quando as vacas de Puntila estão com febre aftosa . Não estou mentindo. Se eu dissesse que elas estavam com câncer estaria mentindo mas quando digo que estão com febre aftosa não é mentira - é um sinal secreto entre homens de bem.

VETERINÁRIO - E se eu não entender o sinal?

PUNTILA - Bem, se não entender eu me sentirei na obrigação de avisar que Puntila é o mais terrível samurai de toda esta região. Já tem três veterinários na consciência. Sobre ele até existe uma canção popular. Isso o ajuda a compreender minhas dificuldades?

VETERINÁRIO - (Rindo) Ajuda, ajuda. Se o senhor é realmente um homem tão terrível, é justo que eu lhe dê uma receita. Quero apenas estar certo de que é febre aftosa.

PUNTILA - Olha, veterinário, as minhas vacas estão com manchas vermelhas deste tamanho. Em duas delas as manchas já estão até ficando pretas; não é a doença em sua forma mais violenta? E depois a dor-de-cabeça que sofrem as pobrezinhas. Ficam a noite inteira berrando e gemendo, se virando na cama, incapazes de pensar em outra coisa que não nos próprios pecados.

VETERINÁRIO - Neste caso é meu dever fornecer-lhe o alívio imediatamente. (Escreve a receita.)

PUNTILA - A conta, manda pra Puntila, já sabe. (Corre à Farmácia e toca a campainha violentamente. Enquanto espera, EMA, a contrabandista, sai do barracão.)

EMA - (Enquanto lava uma garrafa, canta.)

Era no tempo de amora
O carro veio de fora
E entrou nesta cidade
Com um homem de verdade.

(Torna a sair. Na janela aparece MANDA, a empregada da Farmácia.)

MANDA - Hei, que é que você quer? Arrancar a campainha?

PUNTILA - É melhor ficar sem campainha do que sem companhia, como eu. Pissi pissi pissi pissu sarará sururu. Preciso de álcool para noventa vacas, amor da minha vida. Depressa, meu tesouro.

MANDA - Você precisa é que eu chame um guarda, isso sim.

PUNTILA - O bonequinha. Um guarda prum homem como Puntila de Lammi? O que adianta um guarda? Pra mim precisa pelo menos dois. Mas pra que dois guardas? Eu quero bem mais guardas, cinco dedos em coitados, eles têm os pés maiores do mundo e cinco dedos em cada pé, por quê? Porque também amam a ordem, como eu. (Entrega a receita.) - Aqui está, lê aí, minha pombinha uma



lei e uma ordem. (A empregada da Farmácia vai buscar o álcool. Enquanto isso EMA, a contrabandista, sempre lavando a garrafa, aparece outra vez.)

EMA - (Canta)

E fomos colher amoras
ele se deitou na grama
cobiçando a todas nós
com o seu olhar em chama.

(Torna a sair. MANDA traz o álcool.)

MANDA - (Rindo) Olha que garrafão! Espero que consiga também alguns arenques para melhorar o porre que essas vacas vão tomar. (Entrega a garrafa.)

PUNTILA - Glu glu glu glu glu... Oh música finlandesa... a mais bela música do mundo... Meu Deus, eu ia esquecendo. Agora tenho o álcool mas não tenho mulher. E você nem tem álcool emm tem homem. Linda farmacêutica, quer ser minha noiva?

MANDA - Muito agradecida, Sr. Puntila de Lammi, mas eu, sabe, só fico noiva de acordo com as regras - "anel direitinho e um gole de vinho."

PUNTILA - De acordo, não será isso que... O importante é que você fique noiva, e já não é sem tempo. Que vida você levou até agora? Me fala um pouco de você, me diz como é que vive; pra ser teu noivo eu preciso saber tudo.

MANDA - Eu? A minha vida é a seguinte: estudei quatro anos e meu patrão me paga menos que à cozinheira. A metade do meu ordenado eu mando para minha mãe, que sofre do coração. Eu também sofro, puxei a ela. Dia sim, dia não, pego o turno da noite. A farmacêutica vive com ciúmes porque o patrão dá em cima de mim. O doutor tem uma letra horrível e eu uma vez troquei as receitas. Os remédios caindo na roupa queimam tudo e o senhor sabe o preço das fazendas. Eu não tenho amigos: o chefe de polícia, o gerente da cooperativa e o diretor da biblioteca já são casados: portanto eu não tenho muito com que me divertir. O senhor quer saber? Não acho a vida muito engraçada não.

PUNTILA - Está vendo? Fica com Puntila! Toma, bebe um gole.

MANDA - E o anel? Se diz "anel direitinho e um gole de vinho".

PUNTILA - Ó Santo Deus! Não servem as argolas da cortina?

MANDA - Quantas argolas o senhor quer? Uma só, ou várias?

PUNTILA - Muitas, uma não chega. Puntila quer muito de tudo, ^{poém} sem pre. Uma garota só não tem sentido para Puntila, ^o você entende? (Enquanto a empregada da Farmácia vai buscar as argolas da cortina, EMA sai de casa outra vez.)

~~EMA - (Canta)~~

~~E enquanto fermentávamos as amoras
conosco ele brincava alegremente
e rindo ria a ria rindo.~~



EMA - (Canta.)

E enquanto fermentávamos as amoras
Conosco ele brincava alegremente
e rindo ria e ria rindo
metendo o dedo no recipiente.

(Torna a entrar em casa e fica espiando da janela.)

(A empregada da Farmácia dá as argolas a PUNTILA. Enquanto isso repete, a bocca chiusa, o tema da outra.)

PUNTILA - (Botando uma argola no dedo dela.) Eu te espero na minha casa, domingo, em Puntila, às oito horas. Vamos fazer uma grande festa de noivado. (Ele vai andando. Passa LISU, a ordenhadora, com um balde na mão.) - Espera aí, minha pombinha. Eu te quero, menina. Você me agrada. Onde vai a esta hora da manhã?

LISU - Tirar leite de vaca.

PUNTILA - Como, minha filha, então o balde é tudo que você bota entre as pernas? Não quer um homenzinho para você? Ah, mas que vida é a tua! Vem cá, me conta como é a tua vida, menina. Você me interessa.

LISU - Minha vida é assim: me levanto às três e meia da manhã para varrer o estábulo e limpar as vacas. Depois tenho que ordenhar as vacas e lavar os baldes com soda cáustica e outras porcarias que queimam as mãos. Aí limpo e estábulo outra vez e tomo café que me dá dor de estômago, porque é daqueles, né? Como um pouco de pão com manteiga e tiro uma pestana. Na hora do almoço cozinho umas batatas com salsa. Carne eu não vejo nunca. De vez em quando a patroa me dá um ovo de presente ou eu acho algum no mato. Depois eu torno a varrer o estábulo, tiro mais leite das vacas, torno a lavar os baldes. Minha obrigação é ordenhar cento e vinte litros de leite por dia. De noite como pão com leite. Me dão dois litros de leite por dia, mas as outras coisas eu tenho que comprar na fazenda. De cinco em cinco domingos eu tenho um dia inteiro livre, de noite vou dançar; às vezes me dou mal e faço um filho. Tenho dois vestidos. Também tenho uma bicicleta.

PUNTILA - E eu tenho uma fábrica inteira, um moinho a vapor, uma serraria e não tenho mulher. Que é que você diz, minha franguinha? Está aqui o anel, bebe um gole ali e estamos noivos de acordo com todas as regras. Você também já sabe; domingo às oito, lá em casa, em Puntila. De acordo?

LISU - De acordo.



PUNTILA - (Continuando a andar.) Em frente, em frente, a caminho da cidade. Não agüento a curiosidade de saber quem é que já está de pé a esta hora da manhã. As mulheres são irresistíveis a esta hora da manhã. As mulheres são irresistíveis e esta hora: acabaram de sair da cama, ainda estão com os olhos brilhantes e pecaminosos... e em volta, o mundo ainda é tão jovem. (chega à Central Telefônica. SANDRA, a telefonista, está saindo.) - Bom-dia, ó deusa da vigília. Mulher onisciente, que sabe tudo através dos fios mágicos da telefonia. Bom-dia a ti, minha pomba-rola.

SANDRA - Bom-dia, Sr. Puntila. O senhor tão cedo? Que aconteceu?

PUNTILA - Então não sabe? Procuro esposa.

SANDRA - Ah, é o senhor? Eu procurei pelo senhor a noite inteira.

PUNTILA - Sim, você sabe tudo. E passa a noite inteira acordada, em vigília pela cidade. Me diz aqui - que vida você leva?

SANDRA - Já lhe digo: minha vida é a seguinte: ganho cinquenta marcos mas há trinta anos que não saio do escritório. Atrás do escritório tenho um terreninho onde planto batatas, dava pra mim viver, já não dá porque agora eu tenho que pagar o meu almoço e o café está cada vez mais caro. Eu sei tudo que acontece na cidade e mesmo no estrangeiro. O senhor ficaria espantado se soubesse o que eu sei. Por isso é que até agora não casei. Sou secretária do Clube dos Trabalhadores, meu pai era sapateiro. Ligar e desligar linhas de telefone, fazer purê de batatas e saber tudo, essa é a minha vida, Sr. Puntila.

PUNTILA - Pois é hora de mudarmos de vida! E depressa. Telefone imediatamente ao escritório central e comunica ao diretor que você vai se casar com Puntila de Lammi. Aqui está o anel, aqui está a bebida, aqui está tudo de acordo com as regras, e domingo às oito, já sabe, lá em casa.

SANDRA - (Rindo) Estarei lá sem falta. Já sei que domingo é a festa de noivado de sua filha.

PUNTILA - (Para EMA, a contrabandista.) Como vê, cara senhora, estou noivando aqui de forma coletiva; espero que a senhora me dê o prazer de comparecer também. (Ela estende o dedo; PUNTILA coloca a argola.)

AS QUATRO - (Cantam.)

Quando acabamos de comer
O homem já tinha ido embora
Mas até hoje ainda esperamos
E achamos que ele não demora



PUNTILA - Um viva às filhas desta terra abençoada, a vós que, durante anos e anos, vos levantastes em vão com a alvorada. Mas Puntila chegou para vos fazer ditosas. Vinde a mim, vós todas que acendeis o fogo das matinas fazendo o fumo subir pelos telhados, brilhante à luz do dia. Vinde todas, de pés nus; a erva fresca da manhã conhece os vossos pés: Puntila também vai conhecê-los!

CORTINA

COZINHEIRA - (Como antes, mas agora com uma tijela de louça e uma colher batendo massa.)

Quando Puntila foi passear
 Viu uma camponesinha madrugadora.
 "Ó Bela", disse, "do peito arfante
 aonde levas - quero ajudar-te -
 tua beleza, que é tão tocante?
 Será que acaso
 sais ainda escuro
 de tua barraca
 para ordenhar minha vaca?
 Por mim, ó bela,
 nunca levantes de teu leito;
 eu deito."



HISTÓRIAS FINLANDESAS

(Entrada principal. Anoitece. As quatro mulheres voltam para casa.)

LISU - Como é que a gente vai adivinhar quando um patrão está de ovo virado?

EMA - Quando bebem, brincam com a gente, beliscam a gente onde não devem e se não tomamos cuidado nos arrastam pro mato. Cinco minutos depois já foram mordidos por um escorpião e temos sorte se não chamam a polícia. (Para.) Tem um prego neste sapato. (Saltitando vai a uma elevação, senta-se e tira o sapato.)

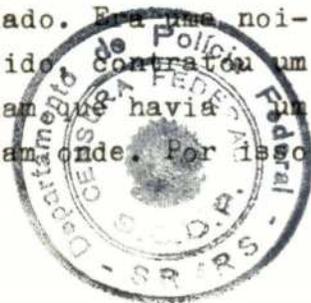
SANDRA - A sola furou.

LISU - Não foi feita para andar cinco horas de estrada.

EMA - Agora não presta mais. Podia ter durado um ano. Me pega uma pedra. (A telefonista lhe dá uma pedra e enquanto uma bate a sola as outras se sentam em volta.) - Eu disse que a gente não deve levar patrão a sério. Uma hora estão assim, outra hora estão assado, outra cozido. A mulher do antigo chefe de polícia às vezes me chamava de madrugada pra fazer massagem quando os pés inchavam. Pois cada vez que eu chegava ela me tratava de um jeito diferente. Dependia dos negócios lá dela com o marido. Parece que ele andava com a empregada. Um dia ela me ofereceu bombons, compreendi que ele tinha deixado a empregada. Mas deve ter voltado a andar com a garota porque, de repente, a madame não conseguia mais se convencer que eu tinha feito dez massagens durante o mês e não seis. Perdeu completamente a memória - mas contra mim.

MANDA - E, mas às vezes tem uma memória de ferro. Como Pekka, o que ficou rico nos Estados Unidos! Depois de vinte anos voltou pra ver a família. Eles eram tão pobres que pediam a minha mãe as cascas de batata, imaginem só. Mas quando Pekka voltou eles fizeram um carneiro assado pro americano ficar satisfeito. Ele comeu, ficou satisfeito e depois lembrou que há muito tempo tinha emprestado vinte marcos ao avô. E balançava a cabeça, cheio de pena, tanta dor ele tinha de se despedir pra sempre de seus vinte marcos. (As mulheres riem.)

SANDRA - Mas se não fosse assim, como é que iam ficar ricos? Numa noite de inverno de 1908 o lago estava gelado. Era uma noite horrível. Um proprietário, nosso conhecido, contratou um cocheiro para atravessar o lago. Eles sabiam que havia um buraco no gelo em algum lugar mas não sabiam onde. Por isso



o cocheiro teve que andar a pé, na frente do carro, durante doze quilômetros. O proprietário estava com tanto medo que prometeu um cavalo se ele conseguisse chegar do outro lado. No meio do lago o homem disse ao cocheiro que se chegassem do outro lado lhe daria um vitelo bem gordo. Depois, quando começaram a avistar as luzes da aldeia ele disse: "Vamos, coragem, força - ou você não ganha o seu relógio!" A cinqüenta metros da margem ele ainda falava de um saco de batatas. Quando chegaram ele deu ao cocheiro meio marco de gorjeta e disse: "Puxa, como você demorou!"

EMA - Precisava afogar todos.

SANDRA - Nós somos muito estúpidos e eles muito sabidos - nos tapeiam sempre. O que atrapalha é que eles são igualzinho a nós. Se tivéssemos corpo de urso, ou de cobra, a gente tomava mais cuidado.

MANDA - Não se deve nunca brincar com eles. Não se deve aceitar nada deles, nunca.

EMA - É bonito dizer - não aceitar nada deles. Eles têm tudo e nós nada. Não beber água do rio, morrendo de sede.

MANDA - Por falar nisso eu estou morrendo de sede.

LISU - Eu também. Em Kansala tinha uma moça que dormiu com o filho do patrão. Saiu um filhinho, mas no Tribunal de Helsinki ele negou tudo pra não ter que pagar os alimentos. Então ela arranjou um advogado levou pro tribunal todas as cartas que o rapaz tinha escrito para ela quando estava no serviço militar. O que ele dizia nas cartas era tão claro que ninguém lhe tirava cinco anos de cadeia por falso juramento. Só que quando o juiz começou a ler a primeira carta em voz alta, bem devagar, palavra por palavra, a moça berrou que queria suas cartas de volta e não ganhou os alimentos. Dizem que chorava como uma cascata quando saiu do Tribunal. A mãe dela estava furiosa e o patife ria, satisfeito! Coitada, estava apaixonada!

SANDRA - Se comportou como uma idiota!

EMA - (Calça o sapato.) Depende. Podia até ter feito bem, agindo assim. Eu conheço um rapaz de Viburgo que não quis receber nada deles. Tinha dezoito anos e como andava metido com os vermelhos foi internado no campo de Tammerfors. Não lhe davam nada pra comer. Pra não morrer de fome, ele comia capim. A mãe então foi visitar ele levando alguma coisa; teve que andar oitenta quilômetros! A pé! Ela era lavadeira numa plantação e a patroa deu a ela um peixe e meio quilo de ma



teiga. A maior parte do tempo ela ia a pé, mas quando passava um carro de lavradores ela pedia carona por um pedaço de caminho. E aí contava: "Vou ver meu filho Athi, no campo de concentração de Tammarfors e minha patroa me deu este peixe e meio quilo de manteiga para levar para ele." Logo que acabava de dizer isso mandavam ela descer porque o filho era um vermelho. Aí ela passava pelas lavadeiras do rio e contava de novo: "Vou encontrar meu filho Athi, no campo de concentração de Tammarfors e minha patroa, que Deus a abençoe, me deu um peixe e meio quilo de manteiga pra levar pra ele." E quando ela chegou no campo repetiu a mesma história e repetiu para o comandante que caiu na gargalhada e deixou ela entrar, coisa que era absolutamente proibida. Na frente do campo ainda havia capim, mas dentro dos cercados nada, nem um fio; nem uma casca de árvore; eles tinham comido tudo. Isso acontecia sempre, vocês não sabiam? Entre guerra e prisão já tinha dois anos que ela não via o filho. Athi estava um espeto: "Ah, você está aí, Athi meu filho" ela disse. "Tome, olha: trouxe um peixe e meio quilo de manteiga. A patroa me deu para você." Athi disse bom-dia, perguntou como ia o reumatismo dela, falou de alguns vizinhos, mas a manteiga e o peixe nem quis ver. Ou melhor, ficou com raiva quando ela insistiu e gritou: "Você foi pedir por caridade à patroa, essa porcaria? Devolve tudo a ela: eu não aceito nada dessa gente!" E assim ela teve que embrulhar tudo de novo. Athi estava morto de fome. Ela se despediu dele e voltou para casa, um pouco a pé e um pouco de carro, quando encontrava algum. Uma vez disse a um camponês: "O meu filho Athi está no campo de concentração morto de fome mas não quis aceitar nem o peixe nem a manteiga que eu levei, porque foi a patroa que deu de caridade e dessa gente ele não aceita nada." A viagem era muito comprida e ela muito velha. De tempos em tempos ela se sentava na beira da estrada e comia um pouquinho de peixe e um pouquinho da manteiga. Não comia muito porque o peixe e a manteiga já não estavam mais frescos - até fediam um pouco. Mas repetia pras mulheres que lavavam no rio: "No campo de concentração o meu filho Athi não quis aceitar nem o peixe nem a manteiga porque foi a patroa que deu de caridade e dessa gente ele não aceita nada." Repetia isso pra todo mundo que encontrava e devia ter causado uma certa impressão nas pessoas, porque eram oitenta quilômetros de estrada.



LISU - Ainda há homens como esse Athi.

EMA - Muito poucos. (Levantam-se e saem sem dizer mais nada.)

CORTINA

LAINA - (Com um moinho na mão. Mói café e canta.)

A festa das quatro noivas
que eram noivas de um velhaco
termina com as quatro noivas
pondo a viola no sacco.

Galo que crê nos senhores
chamando-os de protetores
passa a viver sem cautela
e é o primeiro na panela.



CONVERSA SOBRE CARANGUEJOS

(Cozinha da propriedade de PUNTILA. Do exterior, de vez em quando, vem música de dança. No teto está suspenso um porco morto há pouco. MATTI, de chinelos, lê o jornal. É noite.)

FINA - (Entra com um monte de roupa suja, vai à caldeira, joga dentro.) - D. Eva quer falar contigo.

MATTI - Está certo. Vou acabar o café.

FINA - Não precisa fingir que não acabou, só para bancar o importante. Esse negócio dela conversar contigo parece que te subiu um pouco à cabeça. Aquela não tem ninguém com quem falar, coitada.

MATTI - Você sabe que numa noite assim eu gosto de deixar que as coisas me subam um pouco à cabeça? Por exemplo, Fina, se de repente te desse uma vontade de ir comigo até o rio eu esquecia esse chamado da patroa e ficava com você.

FINA - Não, obrigada. Não estou com vontade.

MATTI - (Abre outro jornal.) Está pensando no professor?

FINA - Entre mim e o professor não existe nada. Ele só queria me instruir e me emprestou um livro. É um homem muito gentil.

MATTI - Pena que ganhe tão pouco com a instrução que tem. Eu ganho trezentos marcos, ele duzentos. É bem verdade que eu devo saber mais que ele. Se um professor é ignorante, o máximo que pode acontecer é alguém não aprender a ler o jornal. Antigamente isso podia ser um mal. Mas, hoje, que adianta ler o jornal? A censura não deixa sair nada. Eu chego a pensar que se não houvesse professores não havia necessidade da censura e o governo economizava o ordenado dos censores. (Faz um gesto para que FINA se sente em seus joelhos. FINA sai com a roupa.)

EVA - (Entra com andar provocante de estrela de cinema e com uma piteira na boca.) - Eu toquei, chamando. Você está muito ocupado?

MATTI - Eu? Não! É que só vou pegar no trabalho às seis da manhã.

EVA - Eu vim lhe perguntar se você não quer ir de barco até a ilha. Podíamos ir pegar uns caranguejos pro almoço de amanhã.

MATTI - Ah, remar a essa hora? Não acha que já é hora de dormir?

EVA - Eu não estou cansada. No verão durmo muito mal, não sei por quê. Se você fosse dormir agora, dormia logo?

MATTI - Direto.

EVA - Que inveja! Bem, prepara as tarrafas. Papai quer caranguejos no almoço de qualquer maneira. (Gira sobre si mesma, e



sai com o andar provocante que aprendeu no cinema.)

MATTI - (Impressionado) Então vamos, eu remo.

EVA - Mas não está muito cansado?

MATTI - De repente criei nova disposição. É melhor você ir mudar de roupa. Vamos andar no lodo.

EVA - Está bem. As tarrafas estão na despensa. (Ela sai. MATTI veste uma japona. Ela volta de short bem curto e sandália.)
- Cadê as tarrafas? Você não apanhou?

MATTI - Vamos pegar com a mão. É muito mais divertido.

EVA - Mas com as tarrafas é muito mais prático.

MATTI - Eu estive lá com a arrumadeira e a cozinheira, não faz quinze dias; pegamos tudo com a mão e foi divertidíssimo, você pode perguntar a elas. Eu tenho uma habilidade danada, você sabia? A maior parte das pessoas parece que tem cinco polegares na mão. Eu não; tenho cinco dedos. Os caranguejos são ewpertos e as pedras escorregam muito, mas a noite está muito clara, ajuda. Não tem uma nuvem no céu, olhei agora mesmo.

EVA - (Hesitando) É melhor com a tarrafa. Se pega mais.

MATTI - Você quer muitos?

EVA - Papai não come nada que não seja servido em abundância.

MATTI - Então é outra conversa. Eu pensei que bastava pegar uns três ou quatro e depois a gente ficava um pouco junto, assim, né? A noite está tão bonita!

EVA - Já sei que a noite está bonita. Você já disse isso antes. Vai buscar as tarrafas.

MATTI - Ah, não vai me dizer que você leva tão a sério esses caranguejos. Duas bolsas chegam? Eu conheço um lugar onde tem caranguejo assim. Em cinco minutos pegamos o bastante para salvar as aparências.

EVA - O que é que você está dizendo? Olha, fala claro - você quer pegar os caranguejos ou não quer?

MATTI - (Depois de uma pausa.) Pensando bem, já é um pouco tarde. (Torna a sentar e a ler o jornal.) - Amanhã de manhã às seis em ponto eu tenho que levar o Studebaker na estação para esperar o attaché. Se a gente ficar pescando até as três ou quatro da manhã não vai me sobrar nem um tempinho para dormir. Quer dizer, se você faz mesmo questão... (sem uma palavra, EVA se vira e sai. MATTI torna a tirar a japona e lê o jornal. Entra LAINA, vinda da sauna.)

LAINA - Fina e a cozinheira mandam perguntar se você não quer ir lá em baixo no rio. Estão lá até agora, rindo muito.



- MATTI - Eu vou assim que acabar de ler o jornal. (Pausa) - Estou muito cansado.
- LAINA - Também estou morta - o dia inteiro no forno, preparando os doces. Eu não fui feita pra festas de noivado. Mas estou com pena de ir já pra cama - lá fora está tão bonito. É até um pecado dormir com uma noite assim! (Olha para fora pela janela.) - Acho que vou descer um pouco. O cavalariço vai tocar sanfona - eu gosto tanto. (Sai morta de cansaço mas com passo decidido. EVA entra no momento em que MATTI vai saindo pela outra porta. Está em trajes de viagem.)
- EVA - Preciso que você me leve à estação imediatamente.
- MATTI - Pois não. Cinco minutos pra tirar o Studebaker. Espero no portão.
- EVA - Vejo que nem se interessa em saber o que pretendo fazer na estação.
- MATTI - Acho que pretende pegar o trem das onze para Helsinki.
- EVA - Porém não demonstra a menor surpresa.
- MATTI - Eu devia me surpreender por quê? A surpresa de um chofer não adianta nada. Não tem a menor influência sobre o curso dos acontecimentos. Na verdade, em geral, nem sequer percebem se ele ficou surpreendido.
- EVA - Decidi passar algumas semanas na casa de uma amiga em Bruxelas e não quero incomodar papai. Preciso que você me empreste duzentos marcos pra passagem. Naturalmente papai lhe devolve assim que eu escrever de lá.
- MATTI - (Sem entusiasmo.) Está bem.
- EVA - Não precisa ficar com medo do seu dinheiro. Meu pai pode não se importar com quem eu me comprometo, mas dinheiro a você ele não vai querer ficar devendo.
- MATTI - (Cauteloso.) Eu não sei se ele se sentirá meu devedor, eu dando a você esse dinheiro.
- EVA - (Depois de uma pausa.) Eu já estou arrependida de ter pedido.
- MATTI - Eu não sei se seu pai vai gostar muito de você partir assim na véspera do noivado, quando os doces já estão todos prontos. Você não devia levar a mal ele ter dito que podia se interessar por mim. Foi uma distração dele - só pensa na sua felicidade. Ele mesmo me disse. Quando está de porre, digamos, quando bebeu uma dose além da conta, às vezes ele não sabe mais onde está a sua felicidade - e age segundo o sentimento da hora. Mas quando não bebeu nada e é de novo um homem inteligente, te compra logo um attaché, uma pessoa



à altura de seus milhões. Você pode ser embaixatriz em Paris ou no Nepal e fazer tudo que lhe agrada. Por exemplo, numa noite assim bonita como esta, se você tiver vontade de fazer alguma coisa, você faz. Se não tiver, não faz.

EVA - Quer dizer que agora você me aconselha a ficar com o attaché?

MATTI - Senhorita Eva: a sua situação econômica não lhe permite desagradar seu pai.

EVA - Em suma, você já mudou de idéia. Sabe o que você é: um cata-vento.

MATTI - De acordo. Mas não é justo falar assim de um cata-vento. São feitos de ferro, não há nada mais sólido. A única coisa que não têm é uma base forte, um apoio seguro. Eu também, infelizmente, não tenho base nenhuma. (Esfrega o índice com o polegar.)

EVA - Então eu tenho que aceitar o seu conselho com muita prudência, já que você não tem a base necessária para me aconselhar com honestidade. Todas as tuas belas palavras sobre o amor de meu pai podem ter nascido apenas do medo de arriscar o dinheiro da passagem.

MATTI - E o meu emprego, que não é tão mau assim.

EVA - Sr. Altonem, o senhor é um miserável materialista, ou como dizem no seu meio, o senhor só cuida de sua barriga. Eu nunca vi ninguém mais agarrado ao dinheiro e ao bem-estar. Ah, não são só os ricos que vivem pensando no dinheiro.

MATTI - Lamento ter desiludido a senhorita. Mas não foi culpa minha. O seu pedido foi tão direto. Se tivesse apenas sugerido, se tivesse feito só uma alusão, se tivesse deixado a coisa só nas entrelinhas, podíamos ter evitado falar de dinheiro tão grosseiramente. O dinheiro provoca desarmonia em toda a parte.

EVA - (Senta.) Não vou me casar com o attaché.

MATTI - Eu pensei bem e não entendo por que não casar com ele. Ele ou outro qualquer dá no mesmo; eu conheço esses tipos todos. São todos iguais. Muito bem educados, não jogam um sapato na cabeça da gente nem quando estão bêbados, não discutem questões de dinheiro, sobretudo quando não é deles, e são capazes de gostar de uma pessoa como gostam de um vinho - porque aprenderam.

EVA - E. Mas eu com o attaché não caso não. Me caso com você.

MATTI - Como assim?

EVA - Papai podia nos dar uma serraria.



MATTI - Podia lhe dar uma serraria.

EVA - Nos dar - se nos casamos.

MATTI - Olha, moça, uma vez, na Carélia, eu trabalhei numa fazenda onde o dono era um ex-empregado. Toda a vez que o vigário vinha visitar a fazenda a mulher mandava o marido ir pescar. Quando havia festa ele era encarregado de abrir as garrafas e depois ia pra trás da estufa e ficava jogando paciência. Ele já tinha filhos grandes e todos só o chamavam pelo primeiro nome: "Vitor, me traz as botas! Depressa, Vitor!" Sabe que eu não gosto disso, senhorita!

EVA - Eu sei. Você quer ser o patrão. Posso imaginar como pretende tratar uma mulher.

MATTI - Já andou pensando nisso!

EVA - Nem em sonho! Você acha que eu não tenho mais em que pensar? Passo o dia inteiro pensando em você. O que é que levou você a achar isso? Além disso estou farta de ouvir falar de você mesmo, do que quer, do que gosta, do que ouviu dizer. Eu sei muito bem o que há por trás das suas historinhas inocentes, das suas insolências! Você é insuportável! Quer saber de uma coisa?! Eu tenho horror aos egoístas! (Sai, MATTI torna a se sentar e lê o jornal.)

CORTINA

LAINA - (Canta enquanto unta de manteiga uma forma de doce.)

Bela e sozinha
a filha do patrão desceu à cozinha
de noite, com uma luz.
"Chofer, que músculos bonitos!
Viu a roupa que eu pus
para pescar caranguejos?"
E o chofer, com um bocejo:
"Ah, suave donzela, seu desejo
de pescar caranguejo
no verão é natural
Mas inda não percebeu
que estou lendo o jornal?"



A ALMA BOA DE SET-SUAN

NO PARQUE DA CIDADE AO ANOITECER.

(Um homem jovem; Sun, com a roupa em molambos, acompanha com os olhos um avião que parece descrever à grande altura uma curva sobre o parque. Ele tira dos bolsos uma corda e espia em redor. Enquanto ele se encaminha para um grande salgueiro, surge na estrada duas prostitutas: uma mulherona já entrada em anos e outra que é a sobrinha da numerosa família já vista na loja de Chen Tê.)

SOBRINHA - Boa noite, moço! Quer vir comigo, benzinho?

SUN - É bem possível, minhas senhoras, se me comprarem alguma coisa para comer.

MULHERONA - Você está é maluco! (À sobrinha:) Vamos embora! Com esse, estamos perdendo tempo: é um aviador desempregado.

SOBRINHA - Mais não deve haver mais ninguém no parque: a chuva já vai cair!

MULHERONA - Talvez haja.

(As duas afastam-se. Sun, olhando para todos os lados, joga sua corda por cima de um galho do salgueiro. Mas é novamente interrompido: as duas prostitutas passam de volta, correndo, sem reparar nele.)

SOBRINHA - Vai cair um aguaceiro!

(Chen Tê vem passeando pela estrada.)

MULHERONA - Olhe só: lá vem aquela bruxa! Fez a desgraça de você e da sua família!

SOBRINHA - Não foi ela, não: foi o primo dela. Ela já tinha nos dado pousada, e depois até se ofereceu para pagar os bolos. Eu não tenho o que dizer dela.

MULHERONA - Pois eu tenho! (Em voz alta:) Ora, ora, lá vem a nossa boa irmã com a sua mina de ouro! Já é dona de uma loja, mas ainda quer fisgar os nossos fregueses.

CHEN TÊ - Não é preciso arreganhar os dentes: eu estou indo para a casa de chá na beira do lago.

SOBRINHA - É verdade que você vai-se casar com um viúvo, pai de três filhos?

CHEN TÊ - É verdade: eu vou agora me encontrar com ele.

SUN - (impaciente) - Vão tesourar longe daqui, suas galinhas! A gente não pode ficar em paz?

MULHERONA - Cile esse bico!

(Saem as duas prostitutas.)

SUN - (apresentando atrás delas) - Urubus! (Ao público) Até num lugar afastado como este, elas parecem que não se cansam



andar à caça de vítimas: dentro do bosque, debaixo da chuva, elas só pensam em se vender! Que desespero!

CHEN TÊ - (irritada) - Por que xingá-las assim? (Avista a corda.)
Oh!

SUN - Que olho arregalado é esse?

CHEN TÊ - Para que é essa corda?

SUN - Vá andando, irmã, vá andando! Dinheiro, eu não tenho: nada, nem um vintém! E, se tivesse, is comprar um copo d'água, não ia dar a você.

(Começa a chover.)

CHEN TÊ - Para que é essa corda? Não vai fazer uma coisa dessas!

SUN - Que é que você tem com isso? Dê o fora!

CHEN TÊ - Está chovendo.

SUN - Não pense que vai ficar embaixo desta árvore!

CHEN TÊ - (imóvel, de pé, na chuva) - Eu, não.

SUN - Irmãzinha, desista! Não adianta! Você não vai arranjar nada comigo. Eu não vou muito com a sua cara, e as suas pernas são tortas.

CHEN TÊ - Isso não é verdade!

SUN - Não mostre as pernas! Com os diabos, fique aqui embaixo da árvore: está chovendo!

(Chen Tê aproxima-se devagar e senta-se sob a árvore.)

CHEN TÊ - Quer fazer isso, por quê?

SUN - Quer saber, mesmo? Então eu digo, mas depois me deixe em paz! (Pausa) Sabe o que é um aviador?

CHEN TÊ - Sei: eu já vi muitos aviadores, lá na casa de chá.

SUN - Aviador, você ainda não viu nenhum. Talvez já tenha visto uns idiotas, com capacetes de couro: uns vigaristas que não têm ouvido para os motores, nem sensibilidade para as máquinas. Só entram numa carlinga porque molham as mãos do gerente do hangar. Diga a qualquer um deles: "Deixa o teu aparelho dar um mergulho nas nuvens, a dois mil pés de altura, e desfaz a queda com um golpe de manícua", e ele vai dizer que isso não faz parte do contrato! Quem não voa como se ao pousar assentasse as próprias nádegas no chão, não é um aviador: é um vigarista. Aviador sou eu! Mas, assim mesmo, eu sou um imbecil: li todos os livros de aviação, na escola de Pequim, mas pulei uma página, onde dizia que não há necessidade de aviadores. E fiquei sendo aviador sem avião, pombo-correio sem recado... Mas o que tudo isto significa, você não é capaz de compreender.

CHEN TÊ - Acho que estou compreendendo muito bem.

SUN - Nada! Se eu digo que você não é capaz, é porque não é mesmo.



CHEN TÊ - (entre chorando e rindo) - Quando eu era pequena em nossa casa nós tínhamos uma garça com uma asa quebrada. Era muito nossa amiga, e não ficava zangada por coisa alguma, e a-onde nós fôssemos ela ia atrás, gritando para não irmos muito depressa. Mas no outono e no começo da primavera, quando os grandes bandos passavam como nuvens por cima da nossa aldeia, ela ficava muito inquieta, e isso eu compreendia mui-to bem...

SUN - Pare de chorar!

CHEN TÊ - Eu?

SUN - Faz mal à pele.

CHEN TÊ - Já parei.

(Ela enxuga as lágrimas com as mangas do vestido. Encostado à árvore, Sun estende as mãos para o rosto de Chen Tê, sem olhá-la nos olhos.)

SUN - Nem o rosto você sabe limpar.

(Sun limpa o rosto de Chen Tê, com um lenço. Pausa.)

SUN - Se você acha que deve ficar aí sentada, para eu não me enforcar, pelo menos abra um pouco essa boca!

CHEN TÊ - Não sei o que dizer.

SUN - Mas então, irmãzinha, por que não deixa eu me pendurar nes-te galho?

CHEN TÊ - Estou horrorizada. Naturalmente só quer fazer isso por-que a noite está feia... (Ao público:)

Em nossa terra

não devia haver noites tão nubladas,
nem sobre os rios pontes tão elevadas,
nem essa hora que não é noite nem dia,
nem inverno: isso tudo é perigoso!

Em face da miséria,

uma coisinha à toa é suficiente

para uma criatura

dar adeus a esta vida de amargura.

SUN - Fale de você!

CHEN TÊ - Falar o quê? Eu tenho uma lojinha.

SUN - (brincando) - Ah, então você não faz o trottoir: tem uma lo-ja!

CHEN TÊ - (com firmeza) - Agora eu tenho uma loja, mas antes eu fazia o trottoir.

SUN - E a sua loja foi um presente dos deuses?

CHEN TÊ - Foi, mesmo.

SUN - Uma bela noite, eles apareceram e disseram este dinheiro é seu!"



CHEN TÊ - (rindo de manso) - Foi numa bela manhã.

SUN - Você não deixa de ser engraçada...

CHEN TÊ - (após uma pausa) - Eu sei tocar um pouquinho de cítara e faço umas imitações. (Imita a voz grossa de um homem projecto:) "É esta, agora, eu acho que deixei o meu dinheiro em casa!" - Depois eu ganhei a loja. A primeira coisa que fiz foi me desfazer da cítara: agora, eu disse comigo mesma, eu posso ficar muda feito um bacalhau, que não faz mal nenhum.

Sou rica, disse eu comigo:
sozinha eu ando e me deito,
vou passar um ano inteiro
sem pôr homem no meu leito!

SUN - Mas já não vai se casar com um: esse da casa de chá à beira do lago?

(Chen Tê não responde.)

SUN - Do amor, a bem dizer, o que é que você sabe?

CHEN TÊ - Tudo.

SUN - Nada, irmãzinha! Vai me dizer que tinha algum prazer naquilo?

CHEN TÊ - Não.

SUN - (passando a mão no rosto de Chen Tê, sem se voltar para ela)
E isto, lhe dá prazer?

CHEN TÊ - Dá.

SUN - Você se contenta com pouca coisa. Ah, que cidade!

CHEN TÊ - E amigos, você não tem?

SUN - Aos montes! Mas nenhum disposto a ouvir que eu estou sempre desempregado: fazem cada cara, como se estivessem ouvindo alguém dizer que o mar é feito de água... E você, tem amigos?

CHEN TÊ - (hesitante) - Um primo, só.

SUN - Tome cuidado com ele!

CHEN TÊ - Ele só esteve comigo uma vez, mas foi-se embora e não volta mais. E você, por que se mostra tão desesperançado? Dizem que falar sem esperança é falar sem bondade.

SUN - Então fala você: continue falando! uma voz é sempre uma voz.

CHEN TÊ - (solícita) - Ainda existe muita gente boa, apesar da miséria. Quando eu era pequena, levei um tombo, uma vez, levando um feixe de lenha; um velho me ajudou a levantar e ainda me deu um níquel. Sem pre me lembro disso por estranho que pareça, os que menos têm são os que dão com mais generosidade. Naturalmente as pessoas gostam de mostrar o que são capazes de fazer; e qual a maneira de mostrar isso melhor do que sendo bondosas? A maldade é uma espécie de incapacidade. Quando alguém canta uma canção ou planta arroz ou



constrói uma máquina, tudo isso faz parte da bondade. Você também é bom.

SUN - Com você isso não é tão difícil, me parece.

CHEN TÊ - Mas desta vez eu senti um pingo de chuva.

SUN - Onde?

CHEN TÊ - Bem entre os olhos.

SUN - Mais para o direito ou mais para o esquerdo?

CHEN TÊ - Mais para o esquerdo.

SUN - Bem... (Depois de algum tempo, sonolento:) Com os homens, então, você não quer mais nada?

CHEN TÊ - (rindo) - Mas não são tortas as minhas pernas!

SUN - Talvez não.

CHEN TÊ - Eu garanto que não.

SUN - (encostando-se de novo à árvore, cansado) - Mas como há dois que não como e há um dia que não bebo nada, eu não poderia fazer amor com você, irmãzinha, por mais que quizesse.

CHEN TÊ - É bom apanhar chuva.

(Surge Wang, o aguadeiro, e canta a "Canção do Aguadeiro na Chuva":)

Com água para vender,
fico na chuva parado:
tão longe eu tive de ir
para arranjar um bocado...
Agora eu grito: "Olha a água!"
E ninguém vejo correr,
morrendo de sede, seco
por comprar água e beber.
(Comprem água, cachorrada!)
Se fechasse esse chuveiro!
Sonhei que houve sete anos
em que a chuva não caía,
e água em gotas eu vendia.
Ah, como gritavam: "Água!"
E a cara de quem chegava
junto ao meu balde, eu olhava
para ver se me agradava.
(Ah, a sede da cachorrada!)
Agora, vocês o leite
das tetas das nuvens grossas
mamam, deitados de costas;
nem perguntam quanto custa.
E eu vou gritando: "Olha a água!"

(Dando risada)



Mas ninguém vejo correr,
morrendo de sede, seco
por comprar água e beber.
(Comprem água, cachorrada!)

(A chuva estiou. Chen Tê olha para Wang e corre para junto dele.)

CHEN-TÊ - Ah, Wang, você voltou? Seu vasilhame está todo lá em casa.

WANG - Muito obrigado pelo seu cuidado. Como vão as coisas, Chen Tê?

CHEN TÊ - Bem. Acabo de encontrar uma pessoa muito inteligente e muito corajosa. E gostaria de comprar um caneco da sua água.

WANG - Deite a cabeça bem para trás e abra a boca: você vai ter toda a água que quiser. O salgueiro ali ainda está gotejando.

CHEN TÊ - Mas é da sua água que eu quero, Wang:

Água trazida de longe, que tanto trabalho deu
e vender vai ser difícil porque hoje aqui choveu.

Mas dessa água é que eu quero para aquele moço ali:

é um aviador, um homem de mais coragem que os outros!

Na companhia das nuvens, quando ruga a tempestade,
ele cruza os céus, levando, a outros homens, noutras terras,
o correio da amizade!

(Chen Tê paga a água e corre com o caneco de água em direção a Sun, depois volta sorrindo para Wang.)

CHEN TÊ - Ele pegou no sono. Com tanto desespero, e a chuva, e eu, acabou se cansando.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



A ALMA BOA DE SET-SUAN

NUMA PRAÇA EM FRENTE À TABACARIA DE CHEN TÊ

(Vêm-se uma barbearia, uma loja de tapetes, e a tabacaria de Chen Tê. É de manhã. Diante da loja de Chen Tê aguardam dois remanescentes da família de oito pessoas: o Avô e a Cunhada, além do Desempregado e da senhora Chin.)

CUNHADA - Esta noite ela não passou em casa.

SENHORA CHIN - É um procedimento abominável! Quando afinal vai-se embora esse maluco do primo dela, e a gente fica um pouco mais à vontade? Ela bem que podia dar à gente, de vez em quando, um bocadinho do arroz que sobra; mas aí vai passar a noite fora, sabe Deus onde, perdendo tempo!

(Da barbearia ouvem-se vozes altas, e Wang sai de lá, aos tropeções, perseguido pelo gordo senhor Chu Fu, o barbeiro, que tem na mão um pesado ferro de frisar.)

CHU FU - Eu já lhe ensino a aborrecer meus clientes com essa água choca! Pegue o caneco e dê o fora daqui!

(Wang estende a mão para pegar o caneco que Chu Fu está segurando, e recebe uma pancada, com o ferro de frisar, que o faz soltar um grito.)

CHU FU - Tome! E que isto lhe sirva de lição! (Volta, ofegante, para a barbearia.)

DESEMPREGADO - (Apanha o caneco e entrega-o a Wang.) Por essa pancada que levou dele, você pode ir dar parte na Polícia!

WANG - Lá se foi a minha mão...

DESEMPREGADO - Sente-se aí e ponha um pouco de água nela!

(Wang senta-se)

SENHORA CHIN - Ainda bem que a água você não paga!

CUNHADA - Quase oito horas, não se tem onde arranjar nem um pedaço de pano. Ela meteu-se em alguma aventura! Que escândalo!

SENHORA CHIN - (lúgubre) - Nem se lembra de nós!

(Chen Tê aparece, descendo a ruazinha, trazendo uma tijela de arroz.)

CHEN TÊ - (Ao público) - Eu nunca tinha visto a cidade amanhecer: a essas horas eu estava sempre deitada, a cara ~~embaixo~~ da coberta imunda, com medo de acordar. Hoje eu ~~passo~~ ~~entre~~ ~~meninos~~ ~~jornaleiros~~, homens regando o asfalto, e até um carro de bois trazendo legumes frescos da roça. Desde a casa de Sun até aqui foi uma caminhada bem comprida, mas a cada passo era maior o meu prazer. Eu sempre ouvi dizer que a gente, quando ama, anda nas nuvens: mas ainda é mais bonito andar no asfalto, com os pés na terra! Posso dizer a vocês

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

que de madrugada os quarteirões parecem montões de lixo pegando fogo, sob o céu transparente e cor-de-rosa, ainda limpo de qualquer poeira. Posso dizer ainda mais: vocês não sabem o que estão perdendo, se não tem olhos para ver a amar sua cidade, nesse momento em que ela se levanta e sai da toca, como um trabalhador velho em jejum, enchendo os pulmões de ar puro e tomando nas mãos as ferramentas, como diria o poeta. (Aos que estão esperando por ela;) Bom-dia! Aqui está o arroz! (Reparte o arroz, e dá com os olhos em Wang.) Bom-dia, Wang! Eu hoje estou de alma leve. Pelo caminho eu vim olhando as vitrinas, e achei que seria bom comprar para mim um xale. (Após breve hesitação:) Queria tanto parecer bonita! (Entra apressadamente na loja de tapetes.)

CHEN TÊ - (A-Wang, levantando a mão com o envelope.) Estão aqui os seis meses de aluguel! Não parece milagre? E o que diz do meu xale novo: que tal, hein, Wang?

WANG - Você comprou só por causa daquele homem que eu vi no parque?

(Chen Tê faz que sim, com a cabeça.)

SENHORA CHIN - Talvez fosse melhor você dar uma olhada na mão dele quebrada, em vez de ficar falando de uma aventura suspeita...

CHEN TÊ - (Chocada) - Que foi que houve com a sua mão?

SENHORA CHIN - O barbeiro quebrou-a com o ferro de frisar, bem à nossa vista!

CHEN TÊ - (Aborrecida com sua própria distração.) E eu nem tinha reparado! Você tem de ir logo ao médico, antes que fique com a mão paralisada e nunca mais possa trabalhar direito. Mas que falta de sorte! Ande daí: levante-se e vá ao médico, depressa!

DESEMPREGADO - Acho melhor ele ir ao juiz, e não ao médico: pode pedir indenização do barbeiro, que é um homem rico!

WANG - Você acha que há possibilidade?

SENHORA CHIN - Se estiver mesmo com a mão quebrada... Está quebrada?

WANG - Acho que está: inchada deste jeito! Será que dá uma pensão vitalícia?

SENHORA CHIN - Você vai precisar, antes de tudo, de uma testemunha.

WANG - Mas vocês todos viram muito bem: podem testemunhar!

(Wang olha em redor. O Desempregado, o Avô e a Cunhada comem sentados, encostados à parede. Ninguém levanta os olhos.)

CHEN TÊ - (à senhora Chin) - A senhora viu tudo...

SENHORA CHIN - Com a Polícia eu não quero nada.



CHEN TÊ - (à Cunhada) - Você, também....

CUNHADA - Eu? Estava olhando para outro lado.

SENHORA CHIN - É claro que ela viu tudo, também: eu bem vi que e-la viu! Ela está é com medo, porque o barbeiro tem muito prestígio...

CHEN TÊ - (ao Avô) - O senhor, tenho certeza de que vai testemu-nhar!

CUNHADA - Não aceitam o testemunho dele: é um velho gagá!

CHEN TÊ - (ao Desempregado) - Isso talvez represente para ele uma pensão vitalícia...

DESEMPREGADO - Mas eu já fui fichado duas vezes, por mendicância: meu testemunho só pode prejudicar.

CHEN TÊ - (perplexa) - Então nenhum de vocês quer servir de teste munha, não é assim? Quebram a mão do outro à luz do dia, vo cês presenciam tudo e ninguém quer dizer nada? (Fica irrita da:)

Ah, desgraçados um irmão é maltratado,
e vocês olham para o outro lado?

Grita de dor o ferido, e vocês ficam calados?

A violência faz a ronda e escolhe a vítima,
e vocês dizem: "A nós ela está poupando,
vamos fingir que não estávamos olhando!"

Mas que cidade, que espécie de gente é esta?

Quando campeia numa cidade a injustiça,

é necessário que alguém se levante;

não havendo ninguém que se levante,

é preferível que num grande incêndio

toda a cidade desapareça

antes que a noite desça!



A MULHER JUDIA (Terror e Miséria no Terceiro Reich, Cena 9)

(Frankfurt, 1935. À noite. Uma mulher faz as malas. Ela se para o que vai levar. De vez em quando tira alguma coisa da mala e recoloca no lugar para poder levar outra coisa. Vacila um bom momento diante de uma grande fotografia do seu marido sobre a cômoda. Deixa-a. Cansada, senta-se um instante diante da mala, a cabeça nas mãos. Levanta-se e telefona.)

MULHER - Aqui quem fala é Judith Kleith. É o senhor, doutor?

Boa noite. Chamei para dizer-lhe que vai ter de procurar um quarto parceiro para o bridge; eu vou viajar... Não, não será por muito tempo, por algumas semanas... Vou a Amsterdan... Sim, a primavera lá deve ser linda... Lá eu tenho amigos... Não, no plural, apesar do senhor não acreditar. Como é que vocês vão fazer para jogar bridge?... Na verdade, já faz duas semanas que nós não jogamos... Sim, é lógico; além disso, Fritz também estava gripado. É mesmo impossível jogar bridge com todo esse frio, é o que eu dizia também!... Mas não, doutor, jamais ia supor... Na última vez, Thecla tinha a visita da sua mãe. Eu sei... Como é que eu ia supor uma coisa dessas?... Não, não é tão repentina, eu estava adiando já há muito tempo, mas agora eu tenho que... Sim, essa ida ao cinema, vamos ter que desistir; um abraço a Thecla. O senhor pode telefonar para ele num domingo qualquer... Bem, adeus! ... Claro, com o maior prazer! Até a volta! (Desliga e chama outro número)

- Aqui quem fala é Judith Kleith. Queria falar com a senhora Schek ... Lotte?... É prá te dizer até a volta, vou viajar daqui a pouco... Não, por nada, para ver caras novas... Sim, quero te dizer uma coisa: Fritz recebe o Professor para o jantar na terça-feira, será que vocês podiam vir também? eu já te disse, viajo esta noite... Sim, terça... Não, eu queria te dizer que vou viajar hoje de noite, só isso, não tem nada que ver com o jantar, eu só achei que vocês podiam vir... Bem, digamos assim, apesar de eu não estar aqui, de acordo?... Mas eu sei que vocês não são assim: de qualquer modo, na nossa época, deve se ter cuidado. Então, vocês vêm?... Se Max vai poder? Mas claro, vai sim. Diga-lhe que estará o Professor... Bom, vou desligar!... Até a volta! (Desliga e chama outro número,)

- É você Gertrude? Aqui quem fala é Judith. Desculpe te incomodar. Obrigada. Eu queria te perguntar se você podia cuidar do Fritz, eu vou viajar por alguns meses... Pensei em você, como irmã dele... Por que é que você não ia querer? Ninguém vai encarar...



as coisas assim, muito menos Fritz... Claro, ele sabe que nós duas estamos... estremecidas, mas... Então está, se você quer assim, ele vai te telefonar... Sim, eu digo prá ele... Está tudo mais ou menos em ordem, o apartamento é assim mesmo um pouco grande... O escritório dele, deixa que a empregada arruma, ela sabe... Ela é muito inteligente e Fritz está acostumado com ela... Mais uma coisa, por favor, não leva a mal: ele não gosta de conversar antes da refeição, será que você não esquece? Eu sempre procuro respeitar isso... Não vou começar a discutir isso agora, o meu trem sai daqui a pouco e eu ainda não terminei de fazer as malas... Dá uma olhada na roupa dele e lembra a ele de ir ao alfaiate, ele encomendou um sobretudo; cuida pro quarto dele sempre estar bem aquecido, ele dorme de janela aberta e as noites ainda estão muito frias... Não, não creio que ele se congele, mas agora vou ter que desligar... Muito obrigaa, Gertrude, a gente pode se escrever, não é?... Adeus. (Desliga e chama outro número.)

- Ana? Aqui é Judith. Sabe, eu vou-me embora hoje... Não, é necessário, estava ficando muito difícil... Difícil demais. Não, não é que Fritz queira assim, ele nem sabe de nada, eu simplesmente preparei as malas... Não creio... Não creio que ele diga grande coisa... Mas tudo tem se tornado muito difícil para ele, é claro... Não falamos sobre isso, nunca falamos, nunca mesmo!... Não ele não mudou, ao contrário... Eu queria que você cuidasse um pouco dele no início... Sim, no domingo, principalmente, e que você o aconselhasse a mudar... O apartamento é grande demais para ele sozinho. Eu gostaria de ter passado aí para me despedir de você, mas você sabe, o porteiro do edifício!... Não, não venha à estação, absolutamente!... Adeus, eu te escrevo, claro... (Desliga, mas desta vez não chama outro número. Esteve fumando. Queima a caderneta onde procurou os números de telefone. Passeia pelo quarto. Em seguida começa a falar, pensando no pequeno discurso que pretende dizer ao marido. Dirige suas palavras a uma cadeira na qual se supõe esteja o marido.)

- Sim, eu vou embora, Fritz. Talvez eu tenha esperado demais. Você tem que me desculpar, mas... (Para, reflete e recomeça)

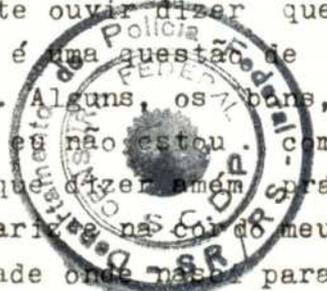
- Fritz, você não deve me reter, você não pode. Evidente que não é por tua causa, eu sei, você não é um covarde. Você não tem medo da polícia, mas isso não é o pior. Eles não vão te mandar para um campo de concentração, mas amanhã ou depois eles vão te proibir de ir à clínica. Você não diria nada, mas ficaria arrasado. Eu não quero te ver aqui, numa poltrona, passando o tempo a folhear revistas. É puro egoísmo da minha parte, nada mais. Não

diz nada... (Para de novo e recomeça.)

-Não vai dizer que você não mudou. Mudou, sim! Na semana passada você concluía, com toda objetividade, que a percentagem de sábios judeus não era tão elevada. E por que é que agora você não para de repetir que eu nunca dei provas de tanto nacionalismo judeu? Evidente que estou me tornando nacionalista, é um mal contagioso. Ah, Fritz! O que é que está acontecendo conosco! (Para de novo e recomeça.)

- Eu não te disse que eu queria partir, que queria partir há muito tempo, porque não posso falar quando te olho, Fritz. Aí me parece tão inútil falar... Mas já está tudo acertado. O que eu não posso entender é o que é que deu neles. O que é que eles querem? O que foi que eu fiz prá eles? Não podem alegar que eu tenha me ocupado de política... Ou que haja apoiado a Thaelmann. Acaso não sou uma dessas tantas mulheres da burguesia com casa e família, etc.? E porque, de repente, só as mulheres louras têm o direito de viver assim? Nesses últimos tempos, pensei muito no que você me dizia já há alguns anos, que havia indivíduos valiosos e outros menos valiosos, e que uns, em caso de diabete, tinham direito a insulina e outros não. E eu aprovava, imbecil de mim! Hoje fizeram uma nova classificação desse tipo. E agora eu faço parte dos que valem menos que nada. Bem feito prá mim. (Para de novo e recomeça.)

- Sim, estou fazendo as malas. Não finja que você não percebeu nada nesses últimos dias. Fritz, eu admito tudo, exceto uma coisa: que não nos olhemos cara a cara durante a última hora que nos resta. Eles não têm o direito de obter isso de nós, esses mentirosos que obrigam todo o mundo a mentir. Uma vez, faz dez anos, alguém disse que eu não tinha tipo de judia, e você disse imediatamente: ela tem, sim. E eu gostei da tua reação: era limpa. Hoje, prá que disfarçar? Estou fazendo as malas porque se não, eles não vão permitir que você continue sendo médico-chefe. Porque já no hospital não te cumprimentam mais e porque já, à noite, Você não consegue mais conciliar o sono. Não quero que você me diga para não partir. E eu estou me apressando para não te ouvir dizer que devo partir. É uma questão de tempo. O caráter é uma questão de tempo. Dura mais tempo ou menos, como as luvas. Alguns, os buns, duram muito. Mas não duram eternamente. Aliás, eu não estou com raiva. Sim, estou. Por que é que tenho sempre que dizer amém prá tudo? O que é que tem de mal na forma do meu nariz, na cor do meu cabelo? É justo que eu deva abandonar esta cidade onde nasci para que não tenham que me dar a minha ração de manteiga? Que classe



de homens são vocês? Sim, você também! Inventam a teoria dos quanta e se deixam mandar por brutos que lhes oferecem a conquista do mundo, mas que lhes negam o direito de escolher suas esposas! Respiração artificial e gases letais! Vocês são monstros ou lacaios de monstros! Sei que não estou sendo razoável, mas num mundo como esse, de que serve a razão? Você está aí, sentado, vendo a tua mulher preparar as malas, e você não diz nada. As paredes têm ouvidos, não é verdade? Mas vocês nunca dizem nada. Uns escutam e outros calam. Também eu deveria me calar. Se eu te amasse, calaria. E eu te amo de verdade. Me alcança aquela roupa. É lingerie de luxo. Vou precisar. Tenho 36 anos, não são muitos, mas não posso permitir-me demasiadas experiências. No próximo país onde eu for, as coisas vão ter que ser diferentes. O próximo homem que eu tiver deverá gozar o direito de conservar-me. E não diga que vai me mandar dinheiro, você sabe que é impossível. E não faça como se eu partisse somente por três semanas. As coisas aqui vão durar mais de três semanas. Você sabe disso, e eu também. Então não diga: afinal de contas, é só por algumas semanas, enquanto me alcança o casaco de peles que só vou precisar no outro inverno. E não vamos dizer que é uma desgraça. Digamos que é uma vergonha. Oh, Fritz! (Para. Ouve-se o ruído de uma porta. Arruma-se apressadamente. Entra o marido.)

MARIDO - O que é que você está fazendo? Arrumando os armários?

MULHER - Não.

MARIDO - Prá que são essas malas?

MULHER - Eu quero ir-me embora.

MARIDO - O que significa isso?

MULHER - Nós já tínhamos falado que eu partiria por algum tempo. A situação não está boa aqui.

MARIDO - Mas é absurdo.

MULHER - Então, fico?

MARIDO - Aonde você quer ir?

MULHER - A Amsterdam. Só prá sair daqui.

MARIDO - Você não conhece ninguém lá.

MULHER - Não.

MARIDO - Porque é que você quer ir embora? Se é ~~por~~ por minha causa, não há motivo.

MULHER - Não.

MARIDO - Você sabe que eu não mudei. Não sabe, Judith?

MULHER - Sim. (Ele a toma nos braços. Ficam calados, de pé, no meio das malas.)

MARIDO - Não existe nenhuma outra razão?



MULHER - Você sabe que não.

MARIDO - Talvez não seja tão errado. Você precisa respirar um pou-
co de ar puro. Aqui a gente sufoca. Eu vou te buscar. Quan-
do tiver cruzado a fronteira, vou me sentir melhor.

MULHER - Sim, é o que você deveria fazer.

MARIDO - Isso não vai durar muito. De uma ou outra maneira as coi-
sas vão mudar. É como uma inflamação, que vai estourar...
Mas que desgraça!

MULHER - Sem dúvida. Você viu Schek?

MARIDO - Sim, quer dizer, na escada. Acho que já se arrependeu de
nos ter ofendido. Estava muito perturbado. Com o tempo e-
les não poderão nos desprezar a esse ponto, nós do rebanho
intelectual. Não poderão fazer a guerra com esqueletos sem
coluna vertebral. As pessoas não se esquivam tão facilmen-
te quando as olhamos cara a cara. Que horas sai o teu trem?

MULHER - Às nove e um quarto.

MARIDO - Prá onde te mando o dinheiro?

MULHER - Suponho que prá caixa-postal, Amsterdam.

MARIDO - Vou conseguir uma autorização especial. Que diabo! Não
posso mandar a minha mulher para o estrangeiro para viver
com dez marcos por mês! Que sujeira isso tudo! Estou me
sentindo terrivelmente deprimido.

MULHER - Vai te fazer bem ir me buscar.

MARIDO - Ler um jornal onde haja alguma coisa...

MULHER - Telefonei prá Gertrude. Ela vai vir te ver.

MARIDO - Não há a menor necessidade. Por tão poucas semanas...

MULHER - (Que recomeça a preparar as malas) Quer me alcançar o ca-
saco de peles?

MARIDO - (Alcançando) Afinal de contas, é só questão de algumas
semanas...



FALA AO AMADO QUE VAI PARA A GUERRA

Meu querido, meu querido,
se agora vais para a guerra,
vais combater ao inimigo,
não vás na frente da guerra
nem fiques atrás da guerra:
o fogo é rubro na frente,
atrás é rubra a fumaça.
Fica no meio da guerra,
perto do porta-estandarte.
São mortos sempre os primeiros,
os últimos são também;
os do meio é que para casa vêm.



CANTAR DE MÃE ALEMÃ

Meu filho, eu te fiz presente
das botas e dessa camisa parda;
soubesse o que sei agora,
teria preferido me enforcar.

Meu filho, quando eu via tua mão
erguida na saudação hitlerista,
não sabia que aqueles que o saudavam
havam de ficar com a mão seca.

Meu filho, eu te escutava perorar
sobre uma raça de heróis;
e não sabia, não via, não pressentia
que eras o seu valete de torturas.

Meu filho, eu ia ver-te desfilar
nas pegadas de Hitler,
e não sabia que quem com ele seguisse
nunca mais haveria de voltar.

Meu filho, tu dizias: - A Alemanha
vai ficar de não se reconhecer!
Eu não sabia que iria ficar
em cinzas e pedras tintas de sangue.

Vendo-te por tua camisa parda,
eu contra aquilo não dizia nada
- pois então não sabia o que sei hoje:
que ela te serviria de mortalha.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ESPERAREI POR TI

Parte tranqüilo, soldado, para a batalha
- a sangrenta batalha, a árdua batalha
da qual nem todos retornam.

Se tu voltares, estarei aqui:
esperarei por ti sob os verdes olmeiros,
esperarei por ti sob os olmos sem folhas,
esperarei até que volte o último soldado
e mais ainda.

Ao chegares de volta da batalha
não haverá nenhuma bota à minha porta,
o travesseiro junto ao meu estará vago
e minha boca sem beijo.

Se tu voltares, quando tu voltares
hás de dizer: é tudo como antes.



O DELATOR

Colônia, 1935. Domingo chuvoso, à tarde. O Pai, a Mãe e o filho Klaus deixam a mesa. Entra a empregada.

EMPREGADA - O sr. e sra. Klimitsch telefonaram e querem saber se o sr. e sra estão em casa. (retirando a louça)

PAI - (com um grunhido) Não. (a empregada sai)

MÃE - Você devia ter atendido ao telefone. Eles sabem que a gente não podia ter saído ainda.

PAI - Por que é que a gente não podia ter saído?

MÃE - Porque está chovendo.

PAI - Isso não é motivo.

MÃE - Aonde é que a gente iria? E o que eles devem ter se perguntado.

PAI - Há uma porção de lugares.

MÃE - Afinal de contas, se não estivesse chovendo...

PAI - E aonde é que a gente iria se não estivesse chovendo?

MÃE - Antigamente a gente ao menos podia visitar uma pessoa ou outra. (pausa) Foi errado não ter atendido ao telefone. Eles devem ter desconfiado que nós não queremos saber deles em nossa casa.

PAI - Que desconfiem! E daí?

MÃE - Romper com eles no momento em que todo o mundo está fazendo a mesma coisa não é uma atitude muito elegante.

PAI - Nós não rompemos com eles.

MÃE - Então porque é que eles não podem vir aqui?

PAI - Porque esse Klimitsch me chateia tremendamente!

MÃE - Antigamente ele não te chateava.

PAI - Antigamente! Não me irrita com esse teu antigamente.

MÃE - Em todo caso, romper com eles porque ele está respondendo a um inquérito de inspeção escolar é uma coisa que antigamente você não faria.

PAI - Então você quer dizer que eu sou covarde? (pausa) Telefona pra eles e diz que nós acabamos de voltar pra casa por causa da chuva.

MÃE - (permanece sentada) E se a gente convidasse os Lemke pra vir até aqui?

PAI - Pra que eles nos provem mais uma vez que nós não nos entusiasmamos pela defesa passiva?

MÃE - (ao menino) Klaus! Não mexe no rádio! (O menino volta a ler os jornais.)

PAI - É uma catástrofe esta chuva. Mas justamente num país onde a chuva é uma catástrofe, a vida não é mais possível.



- MÃE - E você acha certo fazer essas reflexões em voz alta?
- PAI - Na minha casa eu faço as reflexões que bem entendo. Na minha própria casa eu não vou permitir que me imponham silêncio... (A conversa é interrompida: a empregada entra com o serviço de café. Silêncio enquanto ela está na sala)
- PAI - Será mesmo necessário que nós tenhamos uma empregada que seja filha do zelador do edifício?
- MÃE - Eu acho que nós já discutimos bastante este assunto. E você chegou a conclusão de que isso tinha suas vantagens.
- PAI - Todas as coisas que eu posso ter dito! Repete só uma palavra, mesmo pra tua mãe e nós estamos fritos.
- MÃE - Mas porque é que eu iria repetir... (A empregada tras o café). Pode deixar Erna, eu mesma sirvo. Você pode retirar-se.
- EMPREGADA - Obrigada madame. (sai)
- KLAUS - Os padres fazem mesmo essas coisas, papai?
- PAI - Que coisas?
- KLAUS - Isso que tá no jornal?
- PAI - O que é que você está lendo? (Arrancando-lhe o jornal das mãos.)
- KLAUS - Mas o nosso chefe de grupo disse que nós todos podíamos ler este jornal.
- PAI - Pouco me importa o que o chefe do grupo disse. O que você pode ou não pode ler, sou eu que decido.
- MÃE - Toma aqui esse dinheiro, Klaus. Vai aí embaixo e compra qualquer coisa prá você.
- KLAUS - Mas você não vê que está chovendo? (Apoia-se irresolutamente contra a janela.)
- PAI - Se não pararem com esses artigos sobre os processos dos padres, eu cancelo a assinatura desse jornal.
- MÃE - Mas então que jornal você vai assinar? Todos falam a mesma coisa.
- PAI - Se todos os jornais publicam semelhantes porcarias, muito bem, eu não vou ler mais nenhum. Não é por isso que eu vou deixar de saber o que se passa no mundo.
- MÃE - Não é assim tão ruim esse expurgo.
- PAI - Expurgo? Tudo isso é pura política!
- MÃE - De qualquer maneira isso não nos diz respeito. Afinal de contas nós somos evangélicos.
- PAI - Para o povo isso é muito importante. Ninguém vai poder pensar numa sacristia sem evocar esses horrores.
- MÃE - Mas o que é que eles podem fazer se essas coisas acontecem.



- PAI - O que é que eles podem fazer? Não atirar pedras no telhado do vizinho quando o deles é de vidro. Na casa Marron, lá de les, as coisas não estão tão limpas, pelo que ouvi dizer.
- MÃE - Mas pelo menos, Karl, isso é uma prova de que estão sendo tomadas medidas salutares pelo bem de nosso povo!
- PAI - Muito salutares! Se isso é saúde, eu prefiro a doença.
- MÃE - Você está muito nervoso hoje. Aconteceu alguma coisa na escola?
- PAI - Mas o que é que pode ter acontecido na escola? E por favor não fica dizendo sem parar que eu estou nervoso. Isso só serve prá me deixar nervoso mesmo.
- MÃE - A gente não devia brigar tanto, Karl, Antigamente...
- PAI - Antigamente! Estava demorando! Nem antigamente, nem hoje eu vou permitir que envenenem o espírito de meu filho!
- MÃE - Mas onde é que ele está?
- PAI - Como é que eu vou saber?
- MÃE - Você o viu sair?
- PAI - Não.
- MÃE - Eu não posso saber onde ele teria ido. Klaus? Klaus! (Ela sai e continua chamando; volta.) Ele saiu mesmo.
- PAI - Mas porque é que ele não podia ter saído?
- MÃE - Mas está chovendo a cântaros!
- PAI - Por que você está tão nervosa? só porque o menino saiu?
- MÃE - O que foi que nós dissemos?
- PAI - Mas o que é que isso tem que ver com...
- MÃE - Você anda tão descontrolado ultimamente...
- PAI - Estou o que sempre fui. Mas mesmo que eu estivesse descontrolado, o que é que isso tem a ver com a saída do menino?
- MÃE - Você sabe como são as crianças. Ficam ouvindo tudo.
- PAI - E daí, o que é que tem?
- MÃE - O que é que tem? E se ele contar? Você sabe que na Juventude Hitlerista eles têm que contar tudo. Eles são obrigados a contar tudo. O estranho é que ele saiu de mansinho.
- PAI - Ora, que bobagem!
- MÃE - Você não viu em que momento ele saiu?
- PAI - Ele ficou um bom tempo parado na janela.
- MÃE - O que é que ele teria ouvido da nossa conversa?
- PAI - Ele não dirá nada. Ele sabe o que acontece aos que são denunciados.
- MÃE - E o que é que tem isso? O filho do vizinho não delatou o próprio pai? Ele ainda não saiu do campo de concentração. Se pelo menos a gente soubesse em que momento ele saiu da



sala.

PAI - Tudo isso é perfeitamente absurdo. (Corre até as outras peças chamando o menino.)

MÃE - Eu não consigo imaginar que Klaus tenha saído sem dizer uma palavra. Ele nunca fez isso.

PAI - Quem sabe ele está na casa de um colega da escola?

MÃE - Só pode ser então na casa dos Mummermann. Eu vou telefonar.

PAI - Deixa disso, você está se alarmando à toa.

MÃE - (ao telefone) Aqui é madame Furcke, esposa do professor Furcke. Bom dia, madame Mummermann. Klaus está aí? ... Não ... Então eu não posso saber onde é que ele está ... Me dia uma coisa, madame Mummermann, a sede da Juventude Hitlerista está aberta domingo à tarde? ... Sim ... Muito obrigada. Eu vou telefonar prá lá. (Ela desliga o telefone. Os dois sentam-se e calam.)

PAI - O que é que ele pode ter ouvido?

MÃE - Você disse que os jornais mentem. Você falou da casa Marron. Não devia ter falado. Klaus é tão nacionalista.

PAI - Mas o que foi que eu disse, precisamente?

MÃE - Já se esqueceu? Você falou de certas sujeiras lá dentro.

PAI - Bem, isso não pode ser interpretado como um ataque. Eu disse que nem tudo é limpo lá dentro. Não, fui até mais moderado, eu disse que nem tudo é completamente limpo lá dentro. Isso faz diferença. Eu disse: Pode ser que lá nem tudo seja completamente limpo. O completamente suaviza a palavra limpo. Foi assim que eu formulei: pode ser. Não quer dizer que seja. E mesmo, eu não poderia afirmar nada categoricamente, já que eu não tenho nenhuma prova. Onde há homens, há imperfeições. Eu não quis dizer mais do que isso, e ainda, sob uma forma muito atenuada. É o próprio Fuhrer, num certo momento, formulou críticas semelhantes, de um modo incomparavelmente mais vigoroso.

MÃE - Você não precisa me dar todas essas satisfações.

PAI - Eu gostaria de não ter que dar, mas sei lá o que você é capaz de transmitir por aí do que se conversa aqui em casa. Veja bem, não estou acusando você, longe disso, de propagar por inadvertência algum boato sobre o teu marido, assim como eu não imagino, nem por um instante, que o meu filho possa fazer o que quer que seja contra o seu pai. Mas entre fazer o mal e saber que está fazendo, vai, infelizmente, uma grande diferença.

MÃE - Você quer para com isso? Eu estou quebrando a cabeça pra me



lembrar se foi antes ou depois da Casa Marron que você disse que não se podia viver na Alemanha de Hitler.

PAI - Eu não disse isso!

MÃE - Você age como se eu fosse a Gestapo! O que me aflige é o que Klaus possa ter ouvido.

PAI - A expressão "Alemanha de Hitler" não pertence ao meu vocabulário.

MÃE - E o que você disse sobre o zelador do edifício, e sobre os jornais que estão cheios de mentiras, e sobre a defesa passiva? Essas afirmações só podem prejudicar um espírito infantil. E Führer não se cansa de dizer: "O futuro da Alemanha está na sua juventude". O meu filho não é um delator!

PAI - Mas é vingativo.

MÃE - De que é que ele podia se vingar?

PAI - Sei lá, há sempre um motivo. Talvez porque eu lhe tirei a rã verde.

MÃE - Mas isso já faz uma semana.

PAI - Ele não esquece esse tipo de coisa.

MÃE - Também, porque tirar a rã dele?

PAI - Ele não caçava mais moscas prá ela. Ela ia morrer de fome.

MÃE - É verdade que ele tem muita tarefa na escola.

PAI - Mas a rã não tem culpa.

MÃE - Ele não falou mais no assunto. Agorinha mesmo eu dei um dinheiro prá ele. Nós lhe damos tudo o que ele pede...

PAI - Sim, mas isso é suborno!

MÃE - Como suborno?

PAI - Se houver qualquer coisa, vão dizer que tentamos suborná-lo para ele não dizer nada.

MÃE - O que você acha que eles podem fazer contra você?

PAI - Oh, tudo! Não há limite para o que eles possam fazer. Meu Deus! E a gente ainda tem que ser professor. Educar a juventude! Mas a juventude me dá medo!

MÃE - Mas não há nada contra você!

PAI - Há sempre alguma coisa contra todo mundo. Todo o mundo é suspeito. E depois, basta que exista a suspeita para que qualquer pessoa se torne um suspeito.

MÃE - Mas uma criança não é uma testemunha digna de crédito. Uma criança nunca sabe o que é que está dizendo.

PAI - É o que você pensa. E depois, quando é que eles precisariam de testemunhas?

MÃE - Será que a gente não pode determinar o que você pensou quando fez as suas observações? Quer dizer, ele pode ter compre-



endido mal você.

PAI - Mas o que é que eu posso ter dito? Eu nem consigo mais me lembrar. É essa maldita chuva a culpada de tudo. Que deixa a gente de mau humor. Mas enfim, eu seria o último homem a contestar este grande elan espiritual que move hoje o povo alemão. No fim de 1932, eu já tinha previsto tudo.

MÃE - Karl, nós não temos tempo prá falar nessas coisas. O que nós temos que fazer é combinar exatamente o que vai ser dito. E imediatamente. Não temos nem um minuto a perder.

PAI - Mas eu não posso imaginar isso de Klaus.

MÃE - Primeiro o quartel General e as porcarias.

PAI - Eu nunca falei em porcarias.

MÃE - Você disse que o jornal estava cheio de porcarias, e que você ia cancelar a assinatura.

PAI - O jornal sim, mas não a Casa Marron!

MÃE - Será que você não disse, por exemplo, que desaprovava essas porcarias nas sacristias? E que na tua opinião é bem possível que esses padres, que hoje são processados, são os mesmos que há um tempo atrás espalhavam essas estórias monstruosas sobre a Casa Marron, dizendo que lá as coisas não estavam tão limpas? E que já que eles têm telhado de vidro, não deviam atirar pedras no do vizinho? E, disso eu tenho certeza, que você disse ao menino prá apagar o rádio e ler os jornais, porque na tua opinião, a juventude do Terceiro Reich deve abrir os olhos ao que se passa à volta dela.

PAI - Isso tudo não adianta nada.

MÃE - Karl, não perca a coragem. Você deve ser forte, como o Führer sempre repete...

PAI - Eu não poderia jamais me apresentar diante do tribunal e ver meu próprio filho testemunhar contra mim.

MÃE - Mas não coloca as coisas neste pé.

PAI - Foi uma grande imprudência se dar com os Klimbtsch.

MÃE - Mas não aconteceu nada ao Klimbtsch.

PAI - Sim, mas ele é objeto de um inquérito.

MÃE - Se todos aqueles que um dia foram objeto de um inquérito fossem se desesperar! ...

PAI - Você acha que o zelador do prédio tem algo contra nós?

MÃE - Você quer dizer na hipótese que ele seja interrogado? Começa que já ganhou de nós caixa de charutos no aniversário. E no Natal também ganhou presentes ótimos.
(Um toque de telefone.)

PAI - O telefone.



- MÃE - Atendo?
- PAI - Não sei. Espere.
- MÃE - Quem será?
- PAI - Se tocar de novo, nós atendemos. (Pausa. O telefone para de tocar.)
- PAI - Isso não é vida.
- MÃE - Karl.
- PAI - Você me gerou um Judas. Senta à mesa do jantar e ouve. Toma a sopa e ouve. Toma nota do que nós dizemos, o delator!
- MÃE - Eu te proibo de falar assim! (pausa) Você acha que nós devemos nos preparar?
- PAI - Você acha que eles vêm agora?
- MÃE - Tudo é possível.
- PAI - Ponho a cruz de ferro?
- MÃE - É preciso. (Ele vai buscar a cruz e coloca com as mãos trêmulas.) Em todo caso, ninguém pode te criticar como professor, não é?
- PAI - Como é que você quer que eu saiba? Eu estou disposto a ensinar tudo que eles quiserem. Mas se pelo menos eu soubesse. Como é que eu posso adivinhar a maneira como eles querem que a gente dê Bismarck e a unificação alemã, demorando tanto para publicar os novos livros escolares! Será que você não podia dar mais dez marcos à empregada? Ela vive nos escutando.
- MÃE - Claro, claro. E botamos o retrato de Hitler em cima da escrivaninha, não é melhor?
- PAI - Sim, tens razão. (A mãe começa a executar a ação, quando o pai a interrompe.) Espere! Se o menino disser que o retrato não estava aí antes, é um agravante. Será apontado como consciência de culpa. (Um ruído) Que barulho foi esse? Não abriram a porta?
- MÃE - Não ouvi nada. (Agora um rumor bem mais nítido)
- PAI - Sim, alguém abriu.
- MÃE - (Aterrada, abraçando-o) Karl!
- PAI - Vamos, acalma-te. Prepara uma roupas para eu levar. (Ouve-se abrir a porta. O pai e a mãe, perdidos, estão de pé, um contra o outro no canto da sala. A porta se abre. Entra o menino com um saco de papel na mão. Pausa.)
- MENINO - O que é que vocês tem?
- MÃE - Onde é que você se meteu? (O menino mostra o saco de chocolate)
- MÃE - Você foi comprar chocolate. Foi só o que você...
- MENINO - Só. Que mais eu podia fazer? (Ele atravessa a sala com



do. Os pais o seguem com um olhar perscrutador.)
PAI - Será verdade?



A INFANTICIDA MARIA FARRAR

Maria Farrar nascida em abril, sem sinais particulares, menor de idade, orfã, raquítica, ao que parece, matou um menino da maneira que se segue, Sentindo-se sem culpa, afirma que grávida de dois meses, no porão de uma dona, tentou abortar com duas injeções dolorosas, diz ela, mas sem resultado.

E bebeu pimenta em pó, com álcool, mas o efeito foi apenas de purgante.

Mas vós, por favor, não deveis vos indignar.

Toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Seu ventre agora inchara, a olhos vistos,

e ela própria, criança, ainda crescia

e lhe veio tal tonteira no meio das matinas,

e suou também de angústia aos pés do altar.

Mas conservou secreto o estado em que se achava até que as dores do parto lhe chegaram.

Então, tinha acontecido, também a ela!

Assim feiosa, cair em tentação!

Mas vós, por favor, não vos indigneis.

Toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Naquele dia, disse, logo de manhã, ao lavar as escadas, sentiu uma pontada como se alfinetadas na barriga.

Mas ainda consegue ocultar sua moléstia o dia inteiro.

Depois, lhe vem a mente que tem que dar à luz

e imediato sente um aperto no coração.

Chegou em casa tarde.

Mas vós, por favor, não vos indigneis,

toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Chamaram-na enquanto ainda dormia: tinha caído neve, e havia que varre-la. As onze terminou. Um dia bem comprido. Somente à noite, pode parir em paz. E deu à luz, é o que disse, um filho,

um filho que se parecia a tudo quanto é filho,

mas ela não era como as outras mães.

Mas vós, por favor, não vos indigneis,

toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Com as últimas forças, ela disse, prosseguindo,

visto que no seu quarto o frio era mortal,

se arrastou até a privada, e ali, quando não mais se lembra,

pariu como pode ao amanhecer.



Narra que a esta altura estava transtornadíssima,
e meio endurecida e que o garoto, o segurava a custo,
pois que nevava dentro da latrina.

Entre o quarto e a privada o menino prorrompeu em pranto
e isso a perturbou de tal maneira, ela disse,
que se pôs a soca-lo, às cegas, tanto, sem cessar,
até que ele deixasse de chorar. Depois, conservou-o morto
no leito junto dela até o fim da noite.

E de manhã, escondeu-o então no lavatório.

Mas vós, por favor, não deveis vos indignar,
toda criatura precisa da ajuda dos outros.

Maria Farrar, nascida em abril, morta no cárcere de Moissen,
garota mãe, condenada, quer mostrar a todos o quanto somos frágeis.

Vós que parais em leito confortável,
e chamais bendito o vosso ventre inchado,
não deveis execrar os fracos e desamparados.
Por obséquio pois, não vos indigneis,
toda criatura precisa da ajuda dos outros.



OS FUZIS DA SENHORA CARRAR

(Surge então alta e cortante, no ar noturno, a voz do General, dirigindo ao povo espanhol o seu discurso para aquela noite.)

VOZ DO GENERAL - Mais hoje, mais amanhã, meus amigos, teremos uma palavra muito séria a dar a vocês. E essa palavra será dada de Madri, quando talvez o que reste à nossa volta já não pareça Madri. E o senhor Arcebispo de Canterbury terá razões de sobra para verter as suas lágrimas de crocodilo. Nossos valentes mouros terão algumas contas a ajustar!

RAPAZ - Porco!

VOZ DO GENERAL - Meus amigos, o chamado Império Britânico, esse colosso de pés de barro, não nos impedirá de aniquilar a cidade capital de uma gente perversa que ousa fazer frente à irresistível causa nacional. Vamos varrer essa canalha da face da terra!

RAPAZ - "Essa canalha" somos nós, não! Não vá embora sem os fuzis!

OPERÁRIO - Depressa! Onde é que estão?
(Dirigem-se p/o fundo do aposento, afastam uma arca e levantam algumas táboas do assoalho.)

RAPAZ - Mas ela já vem aí!

OPERÁRIO - A gente põe os fuzis do lado de fora da janela, e na saída eu apanho.
(Tiram apressadamente os fuzis de um caixote de madeira, deixando cair no chão uma pequena bandeira puída em que estavam enrolados.)

RAPAZ - A bandeirinha é daqueles tempos! O que me espanta é ver o senhor aí sentado, com tanta calma, quando a pressa é tão grande.

OPERÁRIO - Eu tinha de levar este arsenal!
(Os dois experimentam os fuzis, vendo se funcionam. De repente o Rapaz tira do bolso um barrete da milícia e o põe na cabeça, triunfante.)

OPERÁRIO - Onde foi que arranjou esse barrete?

RAPAZ - Fiz uma troca.
(O Rapaz lança um olhar receoso em direção à porta e torna a enfiar no bolso o barrete: a Mãe acaba de voltar.)

MÃE - Podem deixar esses fuzis onde estavam! Foi para isso, então, que você veio?

OPERÁRIO - Foi, Tereza: nós precisamos muito! Não podemos enfrentar os Generais com as mãos vazias.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RAPAZ - Mãe, a senhora ouviu do próprio Padre como é que estão as coisas.

MÃE - Se veio por causa dos fuzis, não precisa ficar mais esperando: não vai adiantar! E se não podem nos deixar em paz, em nossa casa, pego meus filhos e vou-me embora daqui!

OPERÁRIO - Teresa, você já viu nosso país no mapa? Tem o feitio de um prato quebrado. Na rachadura estão as águas do mar, e na beira do prato está a artilharia; sobre nossas cabeças voam os bombardeiros. Você quer ir para onde, a não ser para a boca dos canhões?

(A Mãe aproxima-se do Operário, arranca-lhe os fuzis das mãos e fica com eles nos braços.)

MÃE - Estes fuzis você não leva, Pedro!

RAPAZ - Mãe, deixe o tio levar: eles aqui só estão dando ferrugem.

MÃE - José, cale essa boca! Que é que você entende destas coisas?
(O Operário retorna calmamente à sua cadeira, senta-se e acende um cigarro.)

OPERÁRIO - Teresa, você não tem nenhum direito de esconder os fuzis do Carlos.

MÃE - (embrulhando os fuzis) - Com direito ou sem direito, a vocês eu não entrego! Não tem cabimento vocês virem aqui levantar o meu assoalho para tirar qualquer coisa contra minha vontade.

OPERÁRIO - Não se trata de qualquer coisa que pertença à sua casa. Na presença de seu filho eu não quero dizer o que estou pensando de você, nem o que estaria pensando o seu marido: ele era um homem de luta. Imagino que você perdeu a cabeça, temendo por seus filhos. Mas é claro que não vamos entrar nesse tipo de considerações...

MÃE - Que está querendo dizer?

OPERÁRIO - Estou dizendo que sem os fuzis eu não saio daqui: disso, você pode ter certeza.

MÃE - Só se passar por cima do meu cadáver!

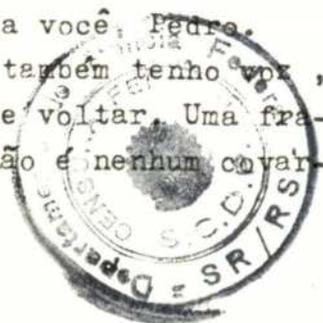
OPERÁRIO - Não vou passar: não sou o General Franco. Só quero ter uma conversa com Juan, depois eu vou e levo os fuzis.

MÃE (incisiva) - Juan não volta tão cedo.

RAPAZ - Foi a senhora mesmo quem chamou!

MÃE - Não chamei, nada! E não quero que ele veja você, Pedro.

OPERÁRIO - É o que eu estava pensando. Mas eu também tenho voz, posso ir até à beira-mar e gritar para ele voltar. Uma frase é o bastante: eu conheço o Juan. Ele não é nenhum covarde, Teresa, e nem você vai poder impedir.



RAPAZ - Também vou com vocês.

MÃE - (com muita calma) - Deixe meus filhos em paz, Pedro! Eu já disse a eles que me enforco, se eles forem: sei que isso, aos olhos de Deus, é um pecado que leva a danação eterna. Mas eu não tenho outra coisa a fazer. Quando Carlos morreu, daquele jeito, eu fui procurar o Padre; não fosse isso, eu já me teria enforcado naquela ocasião. Eu tinha plena consciência da minha culpa, embora a dele fosse maior com aquele temperamento e aquela propensão para a violência. Esta vida não é assim tão boa, e suportá-la às vezes não é fácil. Mas fuzis não resolvem; foi o que eu percebi, quando trouxeram o corpo de Carlos e o puseram deitado aí no chão. Não sou partidária dos Generais, e é uma infâmia dizerem isso de mim. Mas se eu souber dominar meus impulsos, talvez eles nos poupem: é um simples cálculo, e o que eu peço é bem pouco. Nunca mais quero ver esta bandeira: amarguras, nós já temos de sobra!

(Em silêncio encaminha-se para a pequena bandeira, pega-a e rasga-a. Logo em seguida, abaixa, recolhe os pedaços rasgados e guarda-os no bolso.)

OPERÁRIO - Teria sido melhor você se enforcar, Teresa.

(Batem à porta, e entra a senhora Perez: uma senhora idosa, vestida de preto.)

RAPAZ - (ao Operário) - É a senhora Perez.

OPERÁRIO - (a meia voz) - Que espécie de gente é?

RAPAZ - Boa gente. É aquela que liga o rádio. A filha dela tombou na linha de frente, semana passada.

SENHORA PEREZ - Sabe? Eu só estava esperando até ver o Padre sair. E estava mesmo querendo falar com a senhora sobre o meu pessoal: eu queria lhe dizer que não acho direito criarem dificuldades para a senhora por causa dos seus pontos de vista. (A Mãe fica em silêncio.)

SENHORA PEREZ - (que já sentou) - A senhora teme é pelos seus filhos, senhora Carrar. As pessoas nem sempre imaginam como é difícil criar os filhos, nos dias de hoje. (volta-se um pouco para o Operário, a quem não tinha sido apresentada) Agora, depois da morte de Inez, não me restam tantos. Dois não foram além dos cinco anos: perdi nos anos da fome de 1898 e 1899. Andrés, eu nem sei onde está: a última carta que mandou foi do Rio de Janeiro, lá na América do Sul, minha rina está em Madri, sempre se queixando; ela nunca foi muito forte. Nós, os velhos, sempre imaginamos que tudo quanto vem depois é mesmo um pouco mais frágil.



MÃE - Mas a senhora ainda tem o Fernando.

SENHORA PEREZ - E.

MÃE - (embaraçada) - Perdão! Eu não quis magoar a senhora.

SENHORA PEREZ - (calma) - Não precisa pedir desculpa: eu sei que não falou por mal.

RAPAZ - (baixinho ao Operário) - É o filho dela que está com o Franco.

SENHORA PEREZ - (firme) - Nós nunca mais falamos em Fernando. (depois de uma pausa breve) Sabe? A senhora não poderá compreender bem minha família, se não levar em consideração que, além de sentir muito, nós lamentamos profundamente a perda de Inez.

MÃE - De Inez, todos nós gostávamos. (ao Operário) Foi ela que ensinou Juan a ler.

RAPAZ - E a mim também.

SENHORA PEREZ - Andam dizendo por aí que a senhora é do outro lado, mas eu desminto isso sempre. Nós sabemos muito bem qual é a diferença que existe entre ricos e pobres.

MÃE - Eu não desejo que meus filhos sejam soldados; eles não são gado para o matadouro.

SENHORA PEREZ - Sabe, senhora Carrar? É o que eu digo sempre: para quem é pobre, não há segurança alguma na vida. Quero dizer: nós somos sempre os que apanham, de um jeito ou de outro. E a esses, que apanham sempre, é que dão o nome de pobres. E aos pobres não há prudência que salve, senhora Carrar. A nossa Inez sempre foi a mais cautelosa de todos os nossos filhos: a senhora não calcula o que meu marido precisou fazer para ensiná-la a nadar!

MÃE - Acho que ainda poderia estar viva.

SENHORA PEREZ - Mas como?

MÃE - Por que é que a sua filha, que era professora, tinha que empunhar um fuzil e ir lutar contra os Generais?

OPERÁRIO - Que aliás são financiados até por Sua Santidade o Papa!

SENHORA PEREZ - Ela dizia que pretendia continuar como professora.

MÃE - E não poderia continuar na escola dela, em Málaga, fosse qual fosse o General que entrasse ou saísse?

SENHORA PEREZ - Nós conversávamos muito a esse respeito. O pai abriu mão do fumo durante sete anos, e por sete anos os irmãos não puseram na boca nem uma gota de leite, para ela se formar professora. Mas agora Inez dizia que não via jeito de ensinar que dois mais dois são cinco e que o General Franco é um enviado de Deus.



MÃE - Se Juan viesse me dizer que com os Generais ele não tinha mais jeito de pescar, eu saberia abrir os olhos dele. A senhora acha que os que nos exploram vão deixar de nos arrancar a pele, se nós nos livrarmos desses Generais?

OPERÁRIO - Eu acho que, se nós tivermos fuzis, vai ser muito mais difícil para eles.

MÃE - Fuzis, sempre fuzis! E tiroteio, sempre!

OPERÁRIO - Quem foi que falou nisso? Se um tubarão ataca e você se defende, é você quem recorre à violência? Fomos nós que marchamos sobre Madri ou foi o General Mola que atravessou as montanhas para nos agredir? Durante dois anos houve um pouco de luz, uma luz fraquinha que não era ainda o crepúsculo; mas agora querem que se faça a noite de novo. E nem isso! De agora em diante, as professoras não vão mais poder ensinar às crianças que dois e dois são quatro, e as que ousarem dizer isso hão de ser exterminadas. Você não escutou o homem dizer, esta noite mesmo, que vamos ser varridos da face da terra?

MÃE - Só os que pegarem em armas. Comigo vocês não devem falar assim: eu não posso discutir com vocês todos. Meus filhos me olham como se eu fosse da polícia. Se a lata de farinha de trigo fica vazia, eu posso ler na cara deles que a culpa é minha. E se os aviões vêm nos bombardear, eles olham para outro lado, como se aquilo fosse por ordem minha. Porque é que o Padre fica mudo quando deveria dizer qualquer coisa? Pensam que fiquei maluca, por eu acreditar que os Generais são seres humanos; muito maus, sim, mas não são nenhum terremoto com quem não se pode argumentar! E a senhora Perez, por que é que fica aí sentada em minha sala a me dizer uma porção de coisas? Está pensando que eu não sei de tudo o que vem me dizer? Se a sua filha está morta, agora é a vez dos meus: não é isso o que a senhora quer? A senhora invade a minha casa, como se fosse um cobrador de impostos: mas eu já paguei a minha cota.

SENHORA PEREZ - (levanta-se) - Senhora Carrar, eu não queria provocar a sua cólera. Não compartilho da opinião de meu marido, de que se deve forçar a senhora a fazer alguma coisa. Nós tínhamos o senhor seu marido em muito bom conceito, e eu queria pedir à senhora para desculpar os aborrecimentos que o meu pessoal lhe dá.

(Retira-se a Senhora Perez, com um cumprimento de cabeça ao Operário e ao Rapaz.) - (Pausa)



MÃE - O pior é que, com tanta insistência, acabam levando a gente a dizer, em voz alta, coisas que nem estavam sendo pensadas. Eu não tenho nada contra Inez, absolutamente.

OPERÁRIO - (Furioso) - Você está contra Inez, sim! A partir do momento em que não fez nada por ela, ficou contra ela! Você também diz que não está com os Generais, e isso também não é verdade: a partir do momento em que não ajuda a nós, está ajudando a eles! Neutra você não pode continuar, Teresa!

RAPAZ - (Dirigindo-se de repente à Mãe) - Vamos, Mãe! Isto não vale nada para a senhora! (Ao Operário) Ela agora está sentada em cima da caixa dos fuzis, para nós não podermos apanhá-los... Desista, Mãe!

MÃE - Ora, José: cresça e apareça!

RAPAZ - Mãe, eu quero ir com o tio Pedro! Não vou ficar aqui esperando que nos venham sangrar como porcos. A senhora me proibiu de fumar, mas não vai me proibir de lutar! Felipe, que não faz nem a metade do que eu faço com uma pedra, já está lá; e Andrés, que é um ano mais moço que eu, já tombou lutando. Não quero ser o motivo de riso do povoado inteiro.

MÃE - E', eu sei. Até Pablo, tão pequenino, chegou a dizer que dava o coelho dele, morto, a um motorista de caminhão, se o levasse para a linha de frente: ridículo!

OPERÁRIO - Ridículo, não!

RAPAZ - Diga ao Ernesto Turillo que ele pode ficar com o meu barquinho. - Vamos, tio Pedro! (Faz menção de sair)

MÃE - Você fica!

RAPAZ - Não, eu vou! A senhora pode dizer que precisa de Juan, mas de mim também não precisa.

MÃE - Não é para me dar peixe que eu preciso de Juan. E eu não quero que você vá, também! (Corre para ele e o abraça fortemente) Você pode fumar quando quiser; e se quiser pescar sózinho pode ir; pode ir até no barco do seu pai, que eu não vou dizer nada!

RAPAZ - Me largue!

MÃE - Não! Você fica aqui!

RAPAZ - (escapulindo) - Eu já estou indo!! - Tio, os fuzis, depressa!

MÃE - Ai!

(A Mãe solta o rapaz e anda capengando, mal pousando no chão um dos pés)

RAPAZ - O que é que a senhora tem?



MÃE - Que importa a você, o que eu tenho? Vá, de uma vez! Sua mãe, pelo menos, você já venceu.

RAPAZ - (desconfiado) - Eu não fiz nada. A senhora não tem coisa nenhuma!

MÃE -(Massageando o pé) - Não tenho nada. Vá-se embora de uma vez!

OPERÁRIO - Não quer que eu ponha seu pé no lugar?

MÃE - Não. Vá-se embora! Saia de minha casa! Você insuflou meus filhos, para os dois se lançarem contra mim?

RAPAZ - (Com raiva) - Ora, e fui eu que me lancei contra ela! (pálido de cólera, dirige-se ao fundo do aposento)

MÃE - Você quer se tornar um criminoso! Por que não me roubam do forno o último pão? Podem até me amarrar na cadeira, com uma corda: vocês agora são dois!

OPERÁRIO - Chega de comédia, sim?

MÃE - Juan é um louco, também, mas nunca seria capaz de uma violência contra a própria mãe! Ele vai dar uma lição a vocês dois, quando chegar. Juan!

(Levanta-se de repente, como que tomada de um presentimento, e corre à janela: esquece-se de mancar, e o Rapaz aponta para os pés dela, indignado)

RAPAZ - Num instante ficou boa do pé!

MÃE - (olhando p/fora, subitamente) Não sei, eu não vejo mais a lanterna de Juan!

RAPAZ - (rabugento) - Como é que ela não ia estar mais lá?

MÃE - O fato é que ela não está mais lá!

(O Rapaz chega à janela e olha para fora.)

RAPAZ - (Ao Operário, com uma voz de espanto) - Não está, mesmo! Da última vez ela estava lá longe, perto do cabo. Vou dar uma corrida e saber o que há. (sai às pressas)

OPERÁRIO - Não está pensando que ele foi para a linha de frente, está?

MÃE - Não posso acreditar que ele tenha saído assim, na calada da noite!

OPERÁRIO - Teresa, eu não entendo mais você. Não está percebendo que não pode fazer a ele maior mal do que tentando impedir que entre na luta? Ele jamais lhe será grato por isso!

MÃE - (Como que distraída) - Não foi por mim que eu disse a ele que não devia lutar.

OPERÁRIO - Não se trata de lutar por nós, Teresa: quem não faz a nossa luta, faz a luta dos Generais.

MÃE - Se ele foi capaz de fazer isto comigo e ir-se alistar na milícia, amaldiçoado seja! Tomara que o acertem com as bombas dos aviões! Tomara que o esmaguem com os tanques! Para



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ele ver que Deus não gosta de pouco caso, e que gente pobre não pode fazer nada contra os Generais. Eu não trouxe ele ao mundo para tocar os semelhantes atrás de uma metralhadora. Se há injustiça no mundo, eu não ensinei filho meu a tomar parte nela. E se ele me aparecer de volta, eu não abro a porta, nem que me diga que venceu os Generais! Detrás da porta mesmo eu digo a ele que em minha casa não quero ninguém manchado de sangue. Vai ser arrancado da minha vida, como um pé grangrenado. E' isso que eu vou fazer. Um dos meus, já me levaram: também achava que ia ter sorte. Mas sorte não é para nós. Vocês talvez ainda aprendam isto, antes que os Generais acabem conosco.

(Ouve-se do lado de fora um borborinho de vozes, a porta abre-se, e três mulheres entram, com as mãos cruzadas no peito, rezando a ave-maria. Elas alinham-se contra a parede, e pela porta que ficou aberta entram dois Pescadores trazendo Juan Carrar, com uma vela manchada de sangue: morto. Atrás, pálido de morte, vem o Rapaz. Os Pescadores pousam o cadáver no chão; um deles segura a lanterna de Juan. Enquanto a Mãe, da sua cadeira, olha petrificada, e as mulheres rezam mais alto, os Pescadores, em voz baixa, explicam ao Operário o que aconteceu.)

PESCADOR 1 - Foi uma daquelas chalupas de pesca que eles têm, armadas de metralhadoras: iam passando por ele e mandaram balas, sem mais nem menos.

MÃE - Não pode ser! Deve ter sido engano! Ele só estava pescando!

(Os Pescadores calam. A Mãe pende para o chão e é amparada pelo Operário.)

OPERÁRIO - Ele não deve ter sofrido nada.

(A Mãe ajoelha-se ao lado do morto.)

MÃE - Juan!

(Por algum tempo ouvem-se apenas o murmúrio das mulheres rezando e o surdo rumor do canhoneio ao longe.)

MÃE - Vocês podem me ajudar a estender o corpo em cima da arca?

(O Operário e os Pescadores levantam o corpo e levam-no para os fundos do aposento, onde está a arca. A vela fica no chão. As rezas das mulheres tornam-se mais sonoras e claras. A Mãe toma o Rapaz pela mão e vai com ele para perto do morto.)

OPERÁRIO - (De novo aos Pescadores.) - Ele estava sozinho? Não saiu nenhum outro barco?



PESCADOR 1 - Nenhum. Mas esse aí estava na praia. (Aponta para o segundo pescador.)

PESCADOR 2 - Eles nem perguntaram nada a Juan: só deram uma varri da no mar com o holofote, e a lanterna dele caiu dentro do barco.

OPERARIO - Então não viram que ele só estava pescando?

PESCADOR 2 - Isso eles devem ter visto.

OPERARIO - E Juan não gritou nada para eles?

PESCADOR 2 - Se ele gritasse eu teria escutado.

(A Mãe adianta-se, levando na mão o boné de Juan, que o rapaz havia trazido.)

MÃE - (com simplicidade) - A culpa foi do boné.

PESCADOR 1 - Como assim?

MÃE - Todo puído: homem decente não usa um boné assim.

PESCADOR 1 - Então eles podem ir atirando em qualquer um que esteja com o boné puído?

MÃE - Eles podem, sim. Eles não são gente. Isso é uma lepra, e tem de ser tratada a fogo como a lepra. (Às mulheres que rezam, com delicadeza) Eu gostaria que vocês se retirassem: há muita coisa há fazer aqui, e meu irmão está comigo.

(Saem as mulheres e os Pescadores, e outros estranhos.)

PESCADOR 1 - (saindo) - O barco dele nós deixamos lá amarrado. (Quando ficam só os da família, a Mãe pega uma bandeira e olha bem para ela.)

MÃE - Ainda há pouco eu rasguei uma bandeira, e já me trazem outra. (A Mãe vai com a bandeira para o fundo do aposento e cobre com ela o morto. Nesse momento modifica-se o ribombar dos canhões ao longe, como se de repente estivesse mais perto.)

RAPAZ - (apático) - Que será isso?

OPERARIO - (levantando-se de repente, atento) - Romperam o bloqueio! Agora eu preciso ir!

MÃE - (em voz alta, enquanto se encaminha para o forno) - Leve os fuzis! José, vá se preparar! O pão também já está pronto. (Enquanto o Operário tira da caixa os fuzis, ela cuida do pão: retira-o do forno, embrulha-o numa toalha e dirige-se para os dois homens, empunhando um dos fuzis.)

RAPAZ - A senhora também quer vir conosco?

MÃE - Vou, por Juan!

(Encaminha-se para a porta de saída.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

